

OS ARQUIVOS PERDIDOS

A NAVEGADORA



PITTACUS LORE



AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A NAVEGADORA

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2015 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: The Navigator

REVISÃO
Rayana Faria

CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE E-PUB
Juliana Pitanga

E-ISBN
978-85-8057-824-9

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA
Melior

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Sobre o autor

Conheça os livros da série

Leia também

CAPÍTULO UM

Sou despertada por duas pancadas fortes que reverberam em meu apartamento no subsolo. Alguém está gritando na rua. Um único pensamento atravessa minha mente: *eles estão aqui.*

Meu instinto de sobrevivência assume o controle. Salto da cama e começo a esconder tudo que possa me incriminar de alguma forma, jogando em gavetas e em compartimentos secretos dentro dos móveis os leitores de dados e os dispositivos eletrônicos cheios de arquivos roubados. Meu coração está a mil, mas eu me movimento com calma e precisão, fazendo uma coisa de cada vez. Sempre trabalhei melhor sob pressão. É uma habilidade conveniente quando se faz o que eu faço.

Estou diante do meu computador principal quando ouço riffs de uma guitarra ou sintetizador vindos da rua, seguidos pelo som de uma multidão aplaudindo. Só então meu cérebro começa a avaliar de maneira lógica o que está acontecendo. Faço uma pausa para analisar a situação, os dedos pairando sobre o teclado, prestes a deletar um HD cheio de registros incriminadores. Não houve mais batidas e pancadas. Não há nenhum oficial do Conselho de Defesa de Lorien derrubando a minha porta. Apenas um pouco de música e o barulho de... risos?

Só então lembro que hoje é a Celebração da Mudança de Lua.

A música para. Congelo por alguns segundos e ouço com atenção antes de cerrar o punho e me dirigir a uma das janelinhas próximas ao teto do apartamento. Subo em uma cadeira e afasto um pouco a cortina blackout preta para dar uma espiada no que está acontecendo. Do outro lado da rua, o Parque Eilon está lotado; sua localização nos arredores da cidade faz dele o lugar perfeito para a população das áreas mais rurais se reunir para celebrar. Um

caleidoscópio de luzes pisca sobre pessoas dançando, pintando-as de cores néon. Em algum lugar, deve haver um palco montado. Ouço mais duas pancadas fortes que novamente fazem meu apartamento estremecer — um bumbo, percebo desta vez —, antes de uma banda dar início ao seu rock dançante, para, obviamente, o delírio de todos no parque.

Parte de mim se sente burra por ter se assustado com uma bateria, mas estou mesmo é com raiva. Não porque meu sono foi interrompido — está escuro lá fora, o que significa que já estava na hora de eu acordar —, mas porque esse tipo de celebração sancionada pelo governo é apenas uma das muitas formas pelas quais os Anciões mantêm as massas lóricas apaziguadas. Dão festas que duram a noite toda e constroem monumentos espalhafatosos e iluminados que chamam de Arautos, e nós devemos ser gratos, reconhecer esses eventos como sinais de que tudo está bem em Lorien. Tudo está *perfeito*.

Só que não está.

Meus pés voltam a pisar no chão de pedra fria. Meu coração ainda está batendo forte, e tento me acalmar respirando profundamente e alongando os braços e as pernas. Encosto as pontas dos dedos no teto enquanto me alongo. Nas ruas da Capital — nas raras ocasiões em que saio em público durante o dia —, sou mais alta do que a maior parte da população, especialmente as mulheres. Apesar da minha altura, raramente me sinto claustrofóbica no meu apartamento, que tem apenas um cômodo. Se eu algum dia me sentir sufocada, basta fazer uma arrumação, já que quase todas as superfícies estão lotadas de livros e equipamentos eletrônicos em vários estágios de conserto ou modificação.

Visto uma calça e uma camiseta pretas e me sento em frente ao computador principal. Ainda estou sob o efeito da adrenalina. É melhor usar toda essa energia.

— Fale comigo — digo, logando no meu terminal. — O que você tem para a Lexa hoje?

Abro alguns dos programas coletores de dados que criei e encontro um tesouro com mensagens, avisos e dados interceptados. O tipo mais útil de moeda: informações.

Algumas semanas atrás, a Rede, que controla e monitora basicamente todas as comunicações e funções municipais na Capital, começou a apresentar problemas em diversos pontos do meu bairro. Normalmente, é impossível hackear a Rede — até para alguém com as minhas habilidades —, mas quando meus próprios escâneres me alertaram sobre isso, vi uma oportunidade. Uma chance de reunir comunicações confidenciais — de mostrar ao povo de Lorien que há bolsões de corrupção em nosso governo e muitos outros segredos que os Anciões e os funcionários de alto escalão mantêm escondidos de nós. Eu consegui entrar em uma das estações de trabalho da Rede antes que os lacaios de Munis conseguissem consertá-la. Fiz o trabalho deles para eles, acrescentando um pouco do meu próprio hardware ao sistema. Desde então, a Rede, impenetrável, tem sido minha, e eu posso examiná-la sempre que quiser.

Venho estocando dados de todos os tipos.

Era para ser uma grande e feliz utopia. Pelo menos é o que os Anciões — e, portanto, os que compram a ideia de que eles são todo-poderosos e sábios — querem que a gente pense. Para Lorien ser “perfeito”, todos precisamos obedecer a certas regras. Somos categorizados, o que torna mais fácil nos controlar. Gardes e Cêpans. Se você tem Legados, é um soldado. Se não, é um Mentor, um Munis ou um burocrata. Todos precisam seguir determinados acordos, e se você não os segue — se acontece alguma coisa que desvia sua vida do caminho que lhe foi designado — ou se questiona o sistema com muita veemência, não sabem o que fazer com você. Se não estiver trabalhando em um dos papéis esperados para você, é imperfeito. Você é diferente, o que não é uma coisa boa, já que poderia muito bem estar trabalhando ativamente *contra* o resto do planeta.

Ok, é verdade. Isso é exatamente o que estou fazendo. Não em nome da anarquia, mas por liberdade. O que a maioria das pessoas não sabe — ou escolhe não acreditar — é que alguns de nós não concordam com essa forma de governar. Nós nos demos conta de que, embora esta possa parecer uma sociedade-modelo, pagamos por ela com nosso livre-arbítrio.

Alguns de nós perdemos demais para Lorien. *Eu* perdi demais. E quero que isso mude. Precisamos de uma reforma. Precisamos de uma *revolução*.

O evento no outro lado da rua está tão barulhento que meu apartamento se tornou uma câmara de eco de aplausos e música eletrônica. Tento me concentrar e examinar os diversos comunicados que meus programas interceptaram ao longo do dia. A maioria deles é inofensiva — orientações para trabalhadores Munis, observações de escolas sobre alunos ausentes, estatísticas de trânsito. O que me interessa são os arquivos criptografados. É aí que tudo fica mais interessante. É possível dizer muito sobre as pessoas com base nas palavras que elas não querem que sejam reveladas. Encontrei muitas coisas intrigantes — maridos e mulheres infiéis, sócios enganados, professores sem qualquer escrúpulo na Academia de Defesa de Lorien. Muita gente não hesitaria em me pagar um valor alto para ter acesso a essas informações. Ou para evitar que elas vazassem. Sei disso porque, em tempos de desespero, as informações me mantiveram alimentada e pagaram meu aluguel. Mas o que realmente estou procurando agora é algo que vai expor a corrupção no Conselho de Defesa de Lorien ou entre os Anciões — algo que obrigará o povo de Lorien a olhar com mais atenção para a forma como nosso governo é gerido.

Sei que deve estar lá. Só não encontrei nada hediondo o bastante ainda. Mas vou encontrar. Preciso acreditar nisso. É o que me dá forças para seguir em frente, é o que me tira da cama. Não estou fazendo isso apenas por mim. Estou fazendo isso para honrar a memória dele.

Estou fazendo isso pelo meu irmão.

Meu apartamento sacode. Um pouco de poeira cai do teto. Fogos de artifício estouram em algum outro ponto da cidade.

Estão realmente investindo nas celebrações este ano.

Aparece uma janelinha de alerta dizendo que meu software de decodificação está tendo problemas para decifrar uma mensagem que acabou de ser interceptada de um canal de comunicações que eu não sabia que existia. Fico surpresa por meus programas de monitoramento terem sequer captado a mensagem. Ou estou

ficando cada vez melhor em grampear a Capital ou as autoridades superiores estão ficando realmente descuidadas.

Qualquer que seja o caso, uma mensagem divulgada por um canal escondido como este deve ser algo importante.

Aciono um programa secundário de decodificação e, lentamente, uma bagunça de símbolos e letras ininteligíveis começa a formar palavras. Enquanto o programa continua a trabalhar, procuro descobrir quem mandou a mensagem e qual seria o destinatário. Não consigo descobrir a identidade do emissor e sou redirecionada a um terminal de computador e endereço que não reconheço, mas mesmo assim me conecto a ele para rastreá-lo mais tarde. Tenho mais sorte com os destinatários. A mensagem parece ter sido transmitida para apenas nove pulseiras de identificação, todas pertencentes a pessoas cujos nomes não conheço. Sem problemas. Cruzo as informações com a base de dados do CDL — uma base que guarda os registros de todos os cidadãos e que realmente poderia ter firewalls melhores — e, claro, os nomes têm algo bem relevante em comum: são todos de Mentores Cêpans.

Curioso. Por que nove Mentores Cêpans seriam contatados por mensagem criptografada durante a Celebração da Mudança de Lua, uma noite em que a maioria das pessoas gosta de fingir não ter uma preocupação sequer? Eu me pergunto se é uma questão que diz respeito a eles ou aos Gardes deles — quais riscos desnecessários estão pedindo que os dotados de Legados corram agora.

Volto para o programa de decodificação. Ainda está trabalhando, mas consigo pescar algumas palavras. “Pista de voo”, “Garde”, “Loridas”.

Sinto meu corpo inteiro enrijecer.

Loridas.

Isso tem alguma coisa a ver com os Anciões. Venho tentando descobrir mais informações sobre a localização atual deles desde que interceptei uma mensagem da Rede uns dias atrás mencionando que todos estavam fora do planeta. Por quê? O que estão planejando?

Dou um sorriso malicioso ao me recostar na cadeira, colocando as mãos atrás da cabeça e acariciando o corte à máquina.

Independente do conteúdo da mensagem, uma informação desse tipo, relacionada diretamente aos Anciões, com toda a certeza será valiosa. As pessoas são obcecadas pela vida dos Anciões. Eu podia ter interceptado a lista de compras de Pittacus Lore, e aposto que conseguiria vendê-la por um valor suficiente para pagar um mês de aluguel.

Ouçõ um barulho do outro lado da sala. Minha pulseira de identificação — que mais parece uma algema prateada, agora que integrei um sistema de comunicações a ela — vibra na mesa. O nome de Zophie pisca na tela. Não atendo, mas coloco a pulseira, me perguntando por que ela está entrando em contato comigo. Para mais um trabalho no museu, suponho. Zophie vem do que os outros chamariam de uma “boa família”, o que na realidade significa apenas que eles são ricos e gastam muito desse dinheiro em bailes de gala beneficentes e coisas do gênero. Nos conhecemos na Academia de Defesa de Lorien e até nos dávamos bem, mas não éramos exatamente amigas. Ela andava com outros alunos, mas eu preferia a solidão, mesmo naquela época, antes de tudo mudar e eu sair da Rede. Mais tarde — anos depois do incidente —, nos reencontramos em Kabarak, nos Territórios Exteriores, onde eu estava configurando uma rede de computadores. A essa altura, ela estava à frente do Departamento de Estudos do Outro Mundo no Museu Lórico de Exploração. Foi ela quem me trouxe de volta à Capital para trabalhar em um projeto de restauração no museu, reformando os sistemas integrados de uma nave espacial velha movida a combustível fóssil. O dinheiro era bom — suficiente para atualizar a maior parte do meu equipamento de computação, o que inevitavelmente me trouxe até onde estou agora. Mas não nos falávamos desde meu último dia no museu, e isso já fazia alguns anos.

Talvez fosse um engano. Talvez ela tivesse tomado ampolas demais e quisesse desejar a todos os seus contatos uma feliz Mudança de Lua.

A gritaria do outro lado da rua está cada vez mais alta. Continuo tentando ignorá-la enquanto abro uma lata de estimulantes líquidos e me sento diante do computador outra vez. Mais trechos da mensagem foram decodificados, mas ainda não faz muito sentido.

Alguma coisa sobre uma profecia se tornando realidade, o fim de Lorien e...

— Evacuação? — murmuro comigo mesma.

Minha pulseira de identificação toca. É Zophie novamente. Suspiro e estou prestes a atender quando me dou conta de que a música lá fora parou. As pessoas ainda estão fazendo barulho, mas os sons vindos do parque agora são diferentes. Não são mais de alegria e comemoração, e sim de medo e desespero.

Que diabos está acontecendo lá fora?

Corro até a janela e abro a cortina. Posso ver um pedacinho do céu.

Está vermelho.

Os gritos de pânico aumentam, mas como a janelinha fica no nível do chão, as pessoas que passam correndo pela calçada bloqueiam minha visão. Meu apartamento sacode de novo, desta vez com mais violência. Vejo a luz alguns segundos antes de me dar conta do que é. Fogo. Há fogo vindo em minha direção em uma onda imensa, engolfando a todos no caminho: homens, mulheres, crianças. Consigo dar alguns passos para longe da janela antes de o vidro se quebrar por inteiro e metade do teto cair ao meu redor.

CAPÍTULO DOIS

Fico engasgada com a fumaça e a poeira. Ouço um zumbido no ouvido. Ouço pessoas gritando, mas as vozes delas estão distantes e difusas. No começo, não consigo nem sequer saber onde estou — parece um ambiente pequeno e escuro repleto de fumaça —, até que reconheço o braço do sofá em chamas a poucos metros de mim. Ainda estou no meu apartamento. Só que o teto caiu quase por inteiro e há tábuas de madeira em chamas no lugar em que meu computador costumava ficar; estou parcialmente soterrada por escombros. Meu primeiro instinto é tentar juntar alguns pertences, mas não paro de tossir e minha cabeça está latejando. O que preciso fazer é me levantar e sair em busca de ar fresco. É perigoso demais ficar aqui. Então, uso o sofá como ponto de referência e saio correndo na direção do local onde minha janela deveria estar. Subo de quatro em uma pilha de entulho até finalmente encontrar um ar mais limpo; me atiro no gramado. Meus pulmões estão queimando. Minha pele escura está coberta de cinzas e poeira.

Só então me dou conta de que a maior parte do meu prédio explodiu, os apartamentos acima do meu foram completamente destruídos. Arrasados, assim como o restante dos prédios do quarteirão. Provavelmente só sobrevivi porque estava em um porão. Ainda tossindo, viro de barriga para baixo e olho na direção do parque onde a multidão estava reunida para a comemoração.

Só que não há mais parque. As árvores desapareceram. Pequenos focos de incêndio marcam o gramado queimado, a fumaça subindo na direção do céu carmesim. Há vários montes escurecidos por todo o parque. Digo a mim mesma que são tocos de árvores ou os restos do palco que eu não vi — qualquer coisa para afastar da mente a ideia de que até pouco tempo atrás aqueles montinhos estavam

dançando com as mãos para cima ao som da bateria e dos sintetizadores.

Sinto um nó no estômago. Minha cabeça está a mil por hora, tentando encontrar sentido no mundo em que acabei de entrar, que parece tão diferente daquele em que eu vivia. O que aconteceu? O que provocou aquilo? Eu me pergunto se houve algum tipo de erro de cálculo grave na pirotecnia do espetáculo. Ou se o novo poder de um Garde o subjogou, transformando um jovem inocente em um inferno indomável e fazendo com que ele arrasasse um quarteirão inteiro.

As ruas estão cheias de gente, todo mundo gritando, o que me deixa ainda mais atordoada. As pessoas estão queimadas e ensanguentadas. Algumas se amontoam sobre corpos inertes. Outras cambaleiam antes de cair no chão.

Percebo que a minha pulseira de identificação está vibrando — até onde sei, ela estava assim constantemente desde que acordei. É Zophie de novo. Sem saber o que fazer, aceito a chamada.

— Lexa! — A voz dela sai por um alto-falante escondido na lateral da pulseira. — Alô? Você está aí?

— Zophie — murmuro. Meus ouvidos estão zumbindo.

— Você está bem! Achei que você... está tudo tão confuso.

— O que está acontecendo? — pergunto, ficando de pé. É a primeira do milhão de perguntas que ameaçam sair dos meus lábios.

— O meu bairro... o Parque Eilon. Aconteceu alguma coisa aqui.

— Não. Foi em todos os lugares. Estamos sendo atacados. E não apenas a cidade. É o planeta. Estão atacando pra valer, Lexa. Os alvos são estratégicos... acho que Lorien está sendo destruído. Tudo de que fomos avisados... tudo está se tornando realidade.

A profecia. Minha mente volta correndo até a mensagem que eu estava decodificando antes de tudo se transformar em fogo e cinzas. Fazia gerações que os Anciões nos alertavam de que um dia Lorien enfrentaria morte e destruição. Algum tipo de calamidade global. É todo o raciocínio por trás da configuração da nossa sociedade, com nossas crianças detentoras de superpoderes treinadas para serem soldados em uma guerra contra algum inimigo desconhecido. Eu sempre achei que fosse uma tática de amedrontamento. Mas

conforme avanço pela rua, aos tropeços, pisando nos restos de um homem vestido com as roupas coloridas da Celebração da Mudança de Lua, percebo que talvez estivesse errada.

— Lexa — continua Zophie antes que eu possa perguntar qualquer coisa —, você precisa vir ao museu. Agora. É a única maneira de ficar segura. Eu preciso de você. Tenho um plano.

— Como assim? — pergunto. Meu cérebro não está funcionando direito. Não sei bem se por causa do choque, do desmoronamento ou as duas coisas. — Do que você está falando?

— Apenas vá para lá. Já estou a caminho. Saia daí o mais rápido possível, Lex. Corra. Não deixe nada parar você.

Surge uma interferência na linha, e então a conexão cai. Olho para minha pulseira, pensando em quem eu deveria contatar se o mundo realmente estiver indo para o buraco. Quem eu deveria checar se está bem. Então me dou conta de que não tenho ninguém para quem ligar. Nos últimos anos, estive sozinha, relutante em me aproximar demais de qualquer pessoa. Tenho me mantido isolada. Tenho feito questão de não criar laços, de não ter ninguém para me amarrar.

Ninguém com quem me preocupar ou de quem gostar.

Olho para o céu. A fumaça dos arredores criou uma neblina acima de mim, quase tapando a lua e o que quer que esteja provocando tudo isso.

Quem está atacando Lorien? Por quê? Como...

Ao meu lado, o pouco que restava do meu prédio desaba de vez, enchendo meu apartamento no subsolo de fogo e escombros. Saio cambaleando, tossindo entre o miasma de poeira e cinzas.

Isso provoca alguma coisa em mim, e, antes que eu me dê conta, estou correndo. Por instinto. Só quando meu corpo atinge a velocidade máxima é que percebo que estou fazendo o que Zophie pediu: estou indo para o museu. Minha casa está destruída. Meu planeta, por mais defeitos que tenha, está sendo atacado. Não sei o que mais devo fazer. Só preciso me concentrar em continuar em direção ao objetivo seguinte.

O caos está por todo lado, em todos os lugares. A maioria das pessoas que encontro no caminho está preocupada com a própria

sobrevivência ou tentando encontrar e ajudar familiares e amigos. Elas gritam, perguntando aleatoriamente o que está acontecendo. Ouço um guincho curto em algum lugar à minha direita — a alguns quarteirões de distância? Mais perto? O ruído é seguido de uma explosão e de um tremor que quase me derruba no chão. A Capital ainda está sendo atacada. E mesmo depois de tudo o que fizemos para nos preparar, não estávamos prontos. Fomos pegos de surpresa.

O museu. Não está muito longe agora. A dez quarteirões, mais ou menos. Só preciso manter as pernas em movimento, me concentrar no som dos pés batendo no chão e...

Do meio da fumaça à minha frente saem meia dúzia de figuras diferentes de tudo o que já vi na vida. São pálidas, usam roupas pretas e carregam armas e espadas que parecem brilhar e ter luz própria. Os olhos negros com olheiras profundas. As bocas abertas estão cheias de dentes irregulares e afiados. O que vem na frente do bando é imenso, mais alto e umas três vezes mais largo do que eu. Tem um rabo de cavalo comprido, mas as laterais da cabeça são raspadas, o crânio repleto de tatuagens.

Esses monstros definitivamente não são loreanos.

Paro de repente e acabo tropeçando em um galho de árvore incandescente e caindo no chão com força. Estou tentando recuperar o fôlego quando um dos homens — não, uma das *criaturas* — ergue uma arma e atira em uma mulher que estava chorando diante de um corpo sem vida do outro lado da rua. Ela cai para a frente.

Meu coração dispara, e luto contra a vontade de vomitar.

Abafo um grito e me arrasto até um arbusto próximo para me esconder. As criaturas continuam seguindo em frente. Olho ao redor em busca de algo com o que me proteger, mas não encontro nada. Estou sozinha. Não tenho sequer um canivete ou coisa parecida comigo, apenas as roupas do corpo. Sempre acreditei que não havia situação com a qual eu não conseguisse lidar sozinha. Minha teoria vai se provar errada quando eu for assassinada nas ruas da Capital.

Cerro os punhos. Não vou me entregar sem lutar.

De repente, uma luz ofuscante pisca do outro lado da praça. Semicerro os olhos e recuo. A explosão parece desorientar completamente as criaturas de preto, que sofrem o impacto gerado por ela. E então os homens estranhos estão voando, debatendo-se uns contra os outros e despencando um a um no chão.

Telecinese. Isso quer dizer que há um Garde por perto em algum lugar.

O que parece ser o líder das criaturas é atirado para longe — bem fora do meu campo de visão. Outro dos cretinos carregadores de espadas está empalado em um poste quebrado. Ele rugiu, e então seu corpo começa a se desintegrar, transformando-se em poeira. Uma menina que parece jovem demais para estar lutando contra aquelas criaturas passa correndo pela pilha de cinzas, uma das mãos à frente do corpo enquanto usa seus poderes para destruir mais um dos agressores. As calças vermelhas metálicas dela refletem as chamas de um clube próximo chamado Fosso, que arde lentamente, ameaçando fazer jus ao nome. Dois outros Gardes a cercam, os braços estendidos conforme os corpos dos inimigos se chocam uns contra os outros e também se transformam em pó.

— Por aqui — grita a menina para eles, jogando o cabelo artificialmente branco para trás. — Estou vendo sobreviventes ao longe.

Ela aponta para a frente, e então há um novo clarão. E eles desaparecem. Quem quer que fossem aqueles Gardes, acho que acabaram de salvar a minha vida.

CAPÍTULO TRÊS

O Museu Lórico de Exploração é um prédio de tijolos brancos que parece praticamente intocado. Quem quer que esteja nos atacando não deve considerá-lo um alvo relevante. Enquanto corro escada acima, me pergunto o que vou fazer se Zophie não estiver lá. E se ela cruzou com alguns daqueles monstros e não conseguiu se salvar?

Pensar em Zophie deitada encolhida na rua provoca em mim uma tensão que eu não esperava sentir. Não somos próximas, mas ela me ajudou em uma época na qual eu havia rompido com praticamente todo mundo na Capital, por isso, acho que tenho uma espécie de conexão sentimental com ela. Faço uma careta e afasto esses pensamentos. Não é o momento para me deixar abater pela emoção. Preciso me manter forte e focada.

Uma das portas altas do museu se abre quando me aproximo, e é só quando estou lá dentro e Zophie a está fechando que me dou conta de que ela estava esperando por mim.

Suspiro, aliviada.

— Lexa — diz ela, dando um passo à frente. Ela parece estar prestes a me dar um abraço, mas eu prefiro estender a mão. Ela faz uma pausa e então a aperta. Seu cabelo ruivo encaracolado está preso em um coque apertado, uma mecha caindo aleatoriamente no rosto.

— Que diabos está acontecendo? — pergunto.

— Invasão — explica ela. — Em escala global.

— Quem está invadindo? Eu vi alguns... — Faço um esforço para encontrar a palavra certa: — *Monstros*. Eles assassinaram uma mulher, mas uns Gardes apareceram e os eliminaram.

Zophie assente, o olhar distante.

— Esses Gardes deram sorte, então. Também vi alguns no caminho para cá. Mas havia muitos invasores. Exércitos inteiros, com feras e armas que eu nunca tinha visto antes. Os Gardes estavam tentando defender algumas crianças e...

Ela não termina a frase.

— Por que estamos aqui? — pergunto. — Tem algum bunker? Alguma espécie de abrigo onde possamos nos esconder?

— Bunker? — questiona Zophie, com uma expressão confusa no rosto. — Não tem nenhum bunker aqui. Só a espaçonave. Você vai nos tirar daqui voando.

— O quê? — pergunto, boquiaberta, tentando entender o que está acontecendo.

A ideia me parece inconcebível. A espaçonave de que Zophie está falando é a que ela me contratou para reformar, recuperando-a e deixando-a no estado original, de quando foi usada muitas gerações antes. Mas não era para ser pilotada. Era movida a combustível *fóssil*, algo que nossa sociedade não usava fazia eras.

— Impossível — constato.

— Não é impossível. — Ela balança a cabeça em negativa. — É a nossa única forma de sair daqui. Os Anciões... eles não esperam que os loreanos sobrevivam a isso. E, mesmo que a gente sobreviva, você viu aqueles invasores, Lexa. Você quer viver sob o jugo deles?

— Aonde espera que a gente vá?

— Para a Terra — diz ela. — É o planeta habitável mais próximo.

Eu conheço esse planeta. Quando estava na Academia, fiz parte de uma equipe especializada em modificar e atualizar tecnologias da Terra, um lugar que vínhamos ajudando a progredir e se desenvolver havia séculos. Eles deviam a nós várias de "suas" revoluções ao longo dos séculos. Não consigo acreditar que Zophie esteja me dizendo que esse planeta tão inferior ao nosso de todas as formas concebíveis seja nossa única esperança de sobrevivência.

— Não há como — digo. — O que usaríamos como combustível?

— Você se lembra de Raylan, o homem que ordenou a restauração da espaçonave? — Zophie dá alguns passos na direção das portas de vidro, olhando para fora com cautela. — Bem, para receber o financiamento dele, o museu precisou seguir todas as suas

instruções, que eram muito específicas. Parte delas incluía armazenar um recipiente de combustíveis fósseis sintéticos na sala de exibição. Todos achamos que ele era louco. Quer dizer, fazia muito tempo que ele vivia isolado naquele complexo imenso. Mas talvez ele estivesse pensando mais à frente do que qualquer um de nós era capaz. Ouvi dizer que ele é descendente de um dos Anciões. Talvez... talvez *soubesse* que isto ia acontecer — diz ela, contorcendo as mãos.

Ainda estou tentando entender a situação.

— Mas tem um detalhe — diz ela, voltando-se novamente para mim. — Conforme as instruções de Raylan, a bomba de combustível só pode ser acessada por meio de uma senha... que só ele sabe. Ele entrou em contato comigo pouco antes das comunicações serem cortadas pedindo que eu supervisionasse os preparativos para a decolagem. Não estava conseguindo entrar em contato com seu piloto no CDL. Eu disse a ele que conhecia alguém capaz de pilotar o foguete, mas queria um lugar na espaçonave. Ele concordou. Está a caminho agora. Assim que chegar aqui, podemos abastecer e partir.

Olho fixamente para ela, ainda sem acreditar em nada do que estou ouvindo.

— Por favor — diz ela. — Eu não sei pilotar aquela coisa. Você é a única pessoa em quem confio para nos tirar daqui com vida. Você *conhece* a espaçonave. Mesmo que não tenha feito parte da equipe de reforma... sei que costumava fazer simulações de voo na academia. E com modelos mais antigos como este, certo?

— Isso foi anos atrás — respondo. — Eu não sou piloto. Chame o seu irmão.

O irmão de Zophie, Janus, é um piloto de elite do Conselho de Defesa de Lorien. Ela balança a cabeça em negativa.

— Eu *chamei*. Ele foi convocado para uma miss...

— Então chame o CDL ou a ADL. Chame... — Faço um esforço para pensar em outra opção viável.

— Não há mais ninguém — diz ela. Sua voz está firme, mas as mãos, trêmulas. — Eu falei com o meu irmão. — Ela engole em seco. — Ele disse que os ataques foram estratégicos. Eliminaram nossas armas, nossas aeronaves... tudo o que sobrou está sendo

usado em combate. Eles nos atingiram com força. Os portos, a academia... Esta é provavelmente a única espaçonave de passageiros capaz de voar que resta na Capital. Se não formos embora...

Ela para de falar, mas eu entendo o que quis dizer. É fácil entender nossa situação. Zophie não acredita que este mundo vá sobreviver. Lorien, o perfeito Lorien, com suas florestas verdejantes, montanhas de picos avermelhados e Anciões que sempre sabem o que é melhor para nós — essa falsa utopia vai queimar.

— Além disso, já vi você voar antes.

Estremeço.

— Aquilo foi diferente — argumento. — Foi um acidente. Além disso, eu só consegui sair do chão porque estava em uma espaçonave cujas funções eram automatizadas. Ao contrário desta porcaria velha que você está sugerindo que a gente use.

— Lex...

Encaro os imensos olhos verdes suplicantes dela pelo que me parece um longo tempo, mas não digo nada. Minha mente está abalada demais com as imagens que vi no caminho entre meu apartamento e o museu. Tudo o que Lorien já perdeu. Tudo o que *eu* perdi. Minha casa. Meu trabalho. Meu irmão. E agora estou diante da única pessoa que posso chamar de amiga, e ela está me pedindo para deixar nosso mundo para trás. Lorien, o lugar que eu vinha lutando para mudar.

Mas ele está mudado agora. Nunca mais será o mesmo. E me dou conta de que, se for com ela, tudo o que estaria deixando para trás seria um planeta. Não um lar ou uma família. Minhas alternativas são tentar fugir ou morrer lutando por um lugar que eu já havia aprendido a odiar.

— E tem mais — diz Zophie, baixinho. — Há outros indo embora. Há outra aeronave partindo. Talvez *já tenha* partido. Nós precisamos nos juntar a ela. Janus a está pilotando.

As portas se abrem antes que eu possa responder. Um carrinho flutuante cheio de caixas e malas adentra o museu. Mais ou menos uma dezena de Chimæras vem logo atrás e, por fim, um homem. Ele

é alto, com cabelo escuro e cacheado e sobrancelhas volumosas. A camisa azul-clara está molhada de suor.

— Crayton! — exclama Zophie, correndo para fechar as portas atrás dele. — Onde estão Raylan e Erina? Eles estão...?

— Eles vão ficar — diz Crayton. — Eles são Gardes. Vão lutar.

Perplexa, Zophie não diz nada por alguns instantes. Então assente com a cabeça.

— Quem é ela? — pergunta o homem, olhando fixamente para mim.

— Nossa pilota — diz Zophie, olhando para mim de uma maneira que deixa claro que é melhor eu ficar de boca fechada e deixar que ela comande a situação. — Lexa, este é Crayton. Ele cuida da propriedade de Raylan. Talvez você se lembre dele fazendo entregas ao museu quando estava aqui. Ele tem sido nosso intermediário com Raylan há anos.

— O que é tudo isso? — pergunto.

— Suprimentos — diz ele, apontando para as caixas. — Comida, armas, água, medicamentos. Inclusive algumas malas de joias e itens valiosos para barganhar. Raylan estava com tudo carregado e pronto para sairmos a qualquer momento. Acho que ele estava prevendo que algo assim aconteceria.

— Eu estava me referindo aos Chimæras.

— Eles irão conosco. — Seu tom de voz fica mais baixo. — Havia mais deles quando deixamos a propriedade. Eles lutaram bravamente para garantir que todos chegássemos aqui.

Antes que eu consiga dizer quão absurda é a ideia de enfiar uma horda de animais em uma aeronave já pequena — sem mencionar o fato de que sequer sei se consigo pilotá-la —, Zophie toma a frente.

— Precisamos de uma senha para acessar o combustível — diz ela. — Ele a entregou a você?

— Sim — assente Crayton. — É o nome dela.

Fico confusa. Crayton se mexe, e só então me dou conta de que ele não está levando apenas uma mochila. Há alguma coisa se mexendo dentro da bolsa, esticando-se sob o tecido empoeirado que a cobre, se mexendo para todos os lados, como se tivesse acabado de acordar.

Um bebê.

Devo ter parecido surpresa, porque Crayton faz um sinal com a cabeça para trás do ombro.

— O nome dela é Ella. Essa é a senha. Vi Raylan trocar no banco de dados antes de eu sair. Algo simples, para eu me lembrar.

Zophie puxa o tecido que cobre a bebê. Ela é minúscula, rosada e enrugada. Não sou uma grande conhecedora de bebês, mas esta parece pequena demais. Como uma boneca.

— Ela é tão pequenininha — sussurra Zophie, quase arrulhando.

— Tudo aconteceu muito rápido — diz Crayton. — Erina não estava se sentindo bem e, de repente, estava em trabalho de parto. Não havia tempo de vir até a cidade. Mas tudo correu bem. Erina e Raylan pareciam muito felizes. Então o céu ficou vermelho e tudo deu errado. Eles a confiaram a mim. Eu acho... acho que eles não acreditam que vão sobreviver. Preciso garantir que ela fique a salvo. Está muito *ruim* lá fora, Zophie. Se eles não conseguirem... o sacrifício que fizeram não pode ter sido em vão.

Há uma explosão do lado de fora — perto. Perto demais. Poeira e destroços caem do teto.

— Precisamos ir — diz Crayton.

— Por aqui. — Zophie o puxa pela manga da camisa. — Rápido!

CAPÍTULO QUATRO

Pegamos vestimentas espaciais mal-ajambradas de uma exposição no museu e as vestimos por cima de nossas roupas. Elas devem nos ajudar durante as mudanças de pressão quando sairmos da atmosfera de Lorien, mas minha maior preocupação é se a aeronave reformada ficará inteira ao longo da decolagem. Não há nada que a bebê ou os Chimæras possam usar, mas o museu não para de estremecer com as explosões, e não temos tempo para improvisar. Além disso, se chegarmos a um ponto em que um traje espacial é a única coisa que nos mantém vivos, provavelmente já estaremos mortos.

A espaçonave está abrigada em uma área cavernosa, sozinha no centro do piso de pedra. Zophie e eu somos as primeiras a entrar no salão, seguidas pelos Chimæras e, finalmente, por Crayton, que traz os suprimentos de Raylan no carrinho flutuante. Nós três começamos a gritar ordens ao mesmo tempo, tentando descobrir o que fazer. Envolvidos pela loucura e pelo medo do que está acontecendo. Tenho um surto de proatividade, abrindo a porta de carregamento principal da nave e pegando a primeira das muitas caixas. Painéis interativos cobrem as paredes do salão, detalhando a natureza primitiva de aeronaves antigas como a nossa, mencionando o quanto os combustíveis fósseis eram ineficientes e venenosos, o que nos levou a trocá-los pelos sintéticos e, por fim, pelos cristais de força que usamos agora. Zophie bate levemente em uma das vitrines e ela se abre, revelando uma bomba de combustível. Ela a conecta à espaçonave e então se junta a Crayton e a mim, e carregamos os suprimentos o mais rápido que podemos.

— Esses malditos Chimæras não podem ajudar um pouco? — pergunto.

— Sinta-se à vontade para recrutá-los — diz Crayton. — Não é como se eles fossem entender. Além do mais, estão assustados.

— *Eu* estou assustada — diz Zophie, arfando, conseguindo, de alguma forma, levantar uma caixa que deve ter o peso dela e entregá-la a mim dentro da espaçonave. — Nunca desejei ter o poder da telecinesia tanto quanto agora.

Com todos os suprimentos já na nave, os Chimæras entram, transformando-se em animais menores. Eles ocupam as laterais da área de carga enquanto eu passo pelo corredor estreito que leva até o *cockpit*, passando pelas pequenas salas privadas, a cozinha e a área comum. Eu me acomodo no assento do piloto e tento me lembrar das incontáveis horas que passei nesta espaçonave, ajudando a reparar seus sistemas. Só que muitas outras informações foram introduzidas no meu cérebro desde então. Penso em todos os velhos guias e livros que li e as simulações que programei. Meus dedos começam a apertar botões e acionar chaves. Milagrosamente, consigo dar a partida no motor.

— Tudo pronto — diz Zophie, aparecendo ao meu lado, sentando-se no lugar do copiloto e apertando o cinto. Crayton se joga em um assento ao lado dela, a mochila com o bebê na frente dele.

— Todos se segurem — digo, apertando mais alguns botões.

A porta de carga se fecha, e a espaçonave se inclina para cima, nos empurrando para trás nos assentos. Do *cockpit*, olhamos para o teto do salão, que está a menos de meio metro da ponta da espaçonave.

— Estou achando que essa coisa não é retrátil — digo.

Zophie balança a cabeça. Ela estica uma das mãos e segura meu braço. Uma gota de suor escorre da minha testa até a lateral do nariz, fazendo meu olho arder.

— Acho que estamos prestes a descobrir se fiz um bom trabalho reformando esta coisa.

Zophie aperta meu braço.

— Vamos lá.

Aciono uma chave, e parece que acabei de detonar uma bomba. O fogo toma conta do salão. A espaçonave sacode tanto que tenho certeza de que vai se despedaçar, encerrando nossa jornada antes

mesmo de ela começar. Mas, de alguma forma, dá tudo certo e atravessamos o teto. O vidro grosso da cúpula se espatifa, explodindo no céu noturno vermelho, cintilando ao captar a luz das chamas ao nosso redor.

Estamos no ar.

Do *cockpit*, temos uma vista completa da Capital, e, embora eu esteja focada nos painéis de controle e nos monitores de bordo, consigo ver a amplitude dos estragos em Lorien. Fogo e fumaça por todos os lados. À nossa direita, um raio de luz roxa desce do céu além dos arredores da cidade. Não sei se é um Arauto ou algo muito mais sinistro. Do alto, muitas partes da cidade estão irreconhecíveis, cicatrizes queimando onde antes ficavam antigos bairros. Também há algo estranho na linha do horizonte, mas eu não me dou conta do que é até perceber que deveríamos estar sobrevoando as Torres de Elkin. Mas elas não estão mais lá. As estruturas que abrigavam um terço do povo da nossa cidade haviam sido destruídas.

Estou em choque. Não consigo mais olhar para aquilo. Meu foco muda completamente e me concentro nos instrumentos à minha frente.

— Acabou — sussurra Zophie. — Nosso planeta. Nossa casa.

Nossa trajetória tem um arco maior do que deveria, e eu puxo o manche, tentando desesperadamente manter o nariz da espaçonave para cima. O céu está escuro demais, cheio de fumaça da cidade em chamas. Mas a espaçonave segue subindo, e atravessamos a névoa. É só então que vemos as naves de guerra dos inimigos. Irregulares e cinzas. Incontáveis. Disparando em nosso planeta. Aeronaves menores descem até a superfície. No meio, há uma esfera perolada, flutuando como uma lua escurecida ao redor da qual os outros veículos orbitam.

— Como isso pode estar acontecendo? — questiona Crayton.

Passamos pela frota. Por sorte, atravessamos um buraco em sua formação. E então disparamos na escuridão do espaço. Apesar da natureza primitiva da espaçonave, preciso admitir que ela é veloz. Pelo menos na decolagem.

E, de repente — depois de alguns minutos —, conseguimos. Deixamos Lorien para trás.

Analiso as telas do radar, tentando me certificar de que ninguém está nos seguindo, mas não vejo nada. Assim que descubro como ajustar a gravidade artificial e o piloto automático, finalmente me permito respirar de verdade. Crayton embala a bebê nos braços e, titubeando, sussurra algumas palavras tranquilizadoras para ela, embora seus olhos estejam arregalados e cheios de lágrimas.

— Pelos Anciões... — murmura Zophie. Ela se inclina para a frente, olhando fixamente para o espaço. — Onde está a outra nave? Consegue encontrá-la?

Levo um tempo para me entender com os controles, mas acabo descobrindo como expandir a busca do radar.

— Estou recebendo uma assinatura lórica de uma nave que parece ter parado a alguma distância do planeta — digo. — Mas o sinal está fraco. Já estamos muito longe de lá.

— Dê meia-volta. — Ela acena positivamente com a cabeça. — Vá até ela. Viajaremos juntas para a Terra.

Depois de examinar alguns mapas de galáxias, encontro a Terra. Vários números começam a preencher as telas do *cockpit*.

— Acho que isso não vai ser possível. — Olho para os painéis, fazendo cálculos mentais. — Ela está longe demais da gente, e mal temos combustível suficiente para chegarmos à Terra. Teremos que confiar mais no *momentum* do que eu gostaria. A menos que vocês conheçam alguma estação de abastecimento em algum ponto do caminho. Além do mais, temos sorte de termos escapado ilesos de Lorien. Voltar e se aproximar daquelas naves inimigas é suicídio.

— Então contate a outra nave — pede Zophie, com a voz tensa. — Eles devem estar operando em um canal de emergência. Ou talvez no canal oficial do Conselho. Eu não...

— Não podemos — digo.

— Como assim?

— Aquelas naves alienígenas podem interceptar a transmissão — explica Crayton. — E se eles a usarem para nos seguir?

— Nós estamos em um foguete branco gigante que acabou de sair voando pelo céu! — grita Zophie. — Não fizemos uma saída exatamente sutil.

— Não *podemos* — digo, mais alto. A bebê no colo de Crayton acorda. — Não podemos contatá-los porque esta nave foi restaurada para ser uma réplica exata dos modelos mais antigos, o que quer dizer que os sistemas de comunicação nunca foram atualizados. A nave deles tem um sistema de comunicação completamente diferente.

Zophie começa a dizer algo, mas acaba soltando um lamento. A bebê começa a chorar. Crayton observa a cena, confuso.

— O que isso quer dizer? — pergunta ele.

Eu me viro para uma das escotilhas. A distância, Lorien queima. Nosso mundo está vertendo fogo, fumaça e morte e, por um instante, lembranças invadem meus pensamentos. Períodos mais felizes há muito tempo — correndo atrás do meu irmão em campos verdes viçosos, rindo enquanto comíamos refeições caseiras, os rostos de pessoas em quem eu não pensava fazia anos. É tão intenso que preciso engolir a vontade de chorar, ou vomitar, ou gritar.

Em todos esses anos odiando Lorien e a forma como o planeta era governado, jamais esperei vê-lo dessa forma. Eu queria mudar o planeta, não vê-lo destruído.

— Quer dizer que estamos sozinhos — digo.

Crayton encara o chão.

— Nós os deixamos — diz ele, baixinho. — Deixamos todos para morrer.

Ele começa a murmurar nomes e pede desculpas. Lágrimas escorrem pelo seu rosto. Zophie, no entanto, não está chorando. Ela olha para o espaço, à procura de algo, mas encontra apenas estrelas, planetas e outros corpos celestes a anos-luz de distância, e uma fria e negra extensão de vazio.

Toco nos instrumentos mais uma vez, confirmando nosso curso — soltando um suspiro de alívio ao descobrir que o sistema de navegação que eu havia ajudado a reinstalar realmente funcionava.

Mas essa era a última boa notícia.

— Isso só pode ser uma brincadeira — resmungo.

— O que foi? — pergunta Zophie.

— Conseguimos sair rapidamente, mas isso nos custou muito combustível.

— Certo... — diz Zophie, preparando-se para más notícias.

— O que significa que vai ser um longo voo — digo.

— Longo quanto? — pergunta Crayton.

Eu me viro para o painel de controle, olhando para o número na tela à minha frente.

— Mais ou menos um ano e meio — respondo.

CAPÍTULO CINCO

Crayton arruma alguns travesseiros que encontrou e faz uma cama improvisada para Ella dentro de uma gaveta aberta em uma das salas privadas. Depois, nos sentamos nos bancos da pequena área comum ao lado da cozinha e repassamos os acontecimentos da última hora tantas vezes que eles começam a parecer irreais, como uma velha lenda contada para assustar crianças e fazer com que elas se comportem. A todo momento eu tenho que me convencer de que tudo aquilo é verdade. Acho que estamos todos em choque.

Sei que eu estou.

— Todas aquelas naves — diz Crayton. — Aqueles cretinos.

— Quem eram eles? — pergunto. — *O que* eram eles? Quando eram feridos, simplesmente desintegravam.

Zophie estreita os olhos, encarando o chão. Reconheço a expressão dos dias no museu em que ela resolvia problemas complicados mentalmente ou tentava descobrir onde arranjaríamos fiação e peças antigas para a restauração. Quando a nave era apenas um projeto em que eu estava trabalhando para conseguir algum dinheiro e não a única coisa que me mantinha viva.

— O que foi? — pergunto.

— Bem... — Ela franze um pouco o nariz. — Sempre houve no museu rumores sobre um antigo conflito entre nós e outro planeta. Arquivistas de contos e historiadores os mencionavam sempre que tomavam ampolas demais nas festas. Não havia provas consistentes que justificassem essas histórias, mas *havia* sinais de que existia certa verdade nas alegações: falhas evidentes em nossos registros históricos e alusões a desastres terríveis e seres cruéis de outro mundo encontradas em diários e cartas. Por isso estávamos sempre especulando.

— Você está falando dos mogadorianos — diz Crayton.

Zophie parece um pouco surpresa ao ver que Crayton sabe do que ela está falando. Essa palavra não me diz nada — e, no entanto, tenho a impressão de já tê-la ouvido antes. Em mensagens criptografadas que eu não considerava importantes ou sussurradas nos corredores da ADL quando eu estava lá muito tempo atrás.

— Raylan sempre falava sobre eles — diz Crayton. — Ele tinha muitas teorias sobre guerras secretas exatamente como as que você descreveu. Ele tinha certeza de que o pai havia sido não apenas figura-chave no conflito entre nós e os mogadorianos, mas também um Ancião, e que houve alguma espécie de conspiração que levou o número de Anciões a ser reduzido a nove. — Crayton balança a cabeça. — As alegações de Raylan mudavam o tempo todo, mas ele queria prová-las a todo custo. Eu sempre achei que ele fosse um pouco maluco, mas... *isto é maluco.*

Zophie assente.

— Havia... *rumores* de que o pai de Raylan havia traído os loreanos — diz ela. — Nunca houve provas concretas de que sequer *houve* uma “guerra secreta”, mas Raylan provavelmente ouviu esses boatos em algum momento. Acho que esse foi um dos motivos que o levou a doar dinheiro ao museu para reconstruir a nave. Ele queria mostrar que sua família estava fazendo algo positivo para o povo de Lorien.

— Tudo esclarecido, então — digo. — Mas o que mais sabemos sobre esses... mogadorianos?

Zophie nos conta tudo o que ouviu durante o tempo que passou no museu. Dizem que, há algumas gerações, os loreanos foram ao planeta Mogadore para estabelecer laços diplomáticos. Mas as civilizações do lugar eram bárbaras e não estavam prontas para contatar seres mais avançados. Algo aconteceu por lá — os detalhes eram vagos e às vezes contraditórios, dependendo de quem contava a história —, mas, pelo que Zophie pôde entender, muitos loreanos perderam a vida durante a expedição e, posteriormente, toda e qualquer comunicação com o planeta e seu povo foi proibida.

Todos ficamos em silêncio, tentando digerir essas informações, nenhum de nós sabendo exatamente o que dizer. Nenhum de nós

sabendo exatamente como reagir ao fato de que nosso planeta pode ser completamente destruído por esses monstros.

Com a cabeça a mil, busco encontrar sentido em tudo isso e juntar todas as peças do quebra-cabeça. Penso na mensagem que havia interceptado mais cedo. Sobre a pista de voo. A profecia.

— A evacuação — digo. — Você sabe quem está na outra nave?

— Janus não devia dizer nada — diz Zophie. — Era altamente confidencial. Ele quebrou os mais altos juramentos ao me contar.

— Entendo — digo. — Mas não é como se a informação fosse sair desta nave.

Ela relaxa o corpo. E cede.

— Não sei muita coisa. Algo sobre nove Gardes escolhidos. Os Anciões os reuniram. Ou Loridas apenas, não sei bem. São eles, e seus Cêpans, que estão na outra nave. Eles são a última esperança.

— De quê? — pergunta Crayton.

— De nosso povo sobreviver. — Zophie dá um sorriso triste. — Bem, além de nós, acho. Não sei por que eles foram escolhidos, mas isso foi tudo o que Janus me contou. Eles serão... *abençoados* com alguma coisa. Talvez já tenham sido. Algum feitiço para protegê-los. Parece loucura, eu sei. Por que os Anciões tentariam salvar um punhado de nós enquanto o resto do planeta é sacrificado?

Cerro o maxilar. É claro que foi assim que eles encararam a destruição do planeta. Usando nosso povo. Tratando-o como peões, como sempre fizeram.

— Isso não pode estar certo — diz Crayton.

— Está — digo. — Pouco antes da primeira onda de ataques eu interceptei uma mensagem enviada para nove Cêpans mencionando algo sobre um encontro em uma pista de voo... que a profecia estava se tornando realidade. Os Anciões nos abandonaram.

— Isso é loucura — diz Crayton. — O que esses nove farão na Terra? Tudo o que sei sobre esse planeta faz crer que ele é muito inferior a Lorien.

— Poderia ser pior — diz Zophie. — Nós poderíamos estar a caminho de Mogadore.

Crayton abre a boca para dizer alguma coisa, mas a bebê começa a chorar. Ele pede licença e vai até ela.

— Acho que vamos ter que nos acostumar a este som — diz Zophie, e se levanta. — Vou começar a fazer um levantamento dos suprimentos. Precisaremos racionar. E eu preciso fazer alguma coisa com as mãos agora. Qualquer coisa.

Uma pergunta não saía da minha cabeça.

— Por que você me chamou para vir com vocês? — Ainda estou tentando encaixar as informações. — Certamente havia outra pessoa. Alguém que tivesse estudado esta maldita relíquia. Por que eu?

— Você nos trouxe até aqui, não foi?

— O voo vai ser ainda mais longo se ficarmos guardando segredos o tempo todo, Zophie.

— Porque eu sabia que você não iria querer ficar para lutar — disse ela, por fim. — Não havia tempo para discutir com mais ninguém sobre qual era o nosso dever diante de tudo aquilo. Eu não sabia exatamente o que você vinha fazendo nos últimos anos, mas sabia, mesmo quando estava trabalhando no museu, o quanto se sentia infeliz em relação a Lorien e seus líderes. Não que eu a culpe, depois do que aconteceu.

Eu a encaro e não falo nada por um tempo. Não sei como deveria me sentir em relação a tudo isso.

— E você? — pergunto. — Por que não ficou para lutar?

Ela se vira, olhando fixamente por uma das escotilhas.

— Meus pais morreram no ano passado. Janus é a única família que tenho. Eu achei que conseguiríamos falar com a outra nave. Achei... — Ela seca uma lágrima. — Fui burra. Tudo aconteceu tão rápido. Assim que terminei de falar com Raylan, liguei para Janus e pedi que me encontrasse no museu, mas ele já estava sendo levado para a pista de voo. Ele me disse para encontrar abrigo. Que estava indo para a Terra. Eu não entendi. Foi quando me contou sobre Lorigas e os Gardes. Então tudo pegou fogo, e eu não consegui mais contatá-lo. Eu nem sequer sabia onde estava a nave dele. Primeiro, achei que ele estava quebrando seus juramentos como membro do CDL ao me contar informações sigilosas, mas agora percebo que ele só me contou porque deduziu que eu não iria sobreviver. Ele estava se despedindo.

— Por que ele não levou você junto? — pergunto.

Zophie balança a cabeça.

— Loridas estava lá, o CDL estava envolvido. Você sabe que eles seriam extremamente rígidos em relação a quem poderia ir ou não naquela nave. Além disso, se fizessem concessão a uma pessoa, teriam que deixar todo mundo embarcar.

— Que os céus não permitam que eles protejam seu povo — resmungo.

— Eu precisava vir — diz ela. — Eu precisava partir. Precisava ficar com Janus.

— E precisava também de uma piloto que fosse uma cidadã de merda e não tivesse nada para deixar para trás.

— Ele é minha família, Lex — diz ela, sem olhar para mim. — Ele é tudo o que eu tenho. Você, de todas as pessoas, sabe o quanto isso o torna importante para mim.

E, com uma frase, a sala já minúscula parece ficar ainda menor, e eu penso em meu irmão. Meu peito dói e a garganta fica seca — depois de todos esses anos, as lembranças ainda me pegam de surpresa, deixando meu coração apertado e me arrastando para uma dor profunda e palpável.

Zophie dá um sorriso fraco. Nada convincente.

— A Terra é dez vezes maior do que Lorien, Lex. E muito diferente. Como eu vou encontrá-lo lá?

Fico olhando para o piso de metal da nave, tentando pensar em algo para dizer, algo que possa confortá-la.

— Não perca a fé — digo. — Mesmo quando o bom senso diz que você deveria desistir.

Ela deve saber que eu não acredito nisso, mas me faz o favor de não falar nada.

CAPÍTULO SEIS

Exploro cada centímetro da nave, relembrando sua estrutura. Não demoro muito, já que a embarcação é basicamente um corredor comprido e nada mais. Há quatro ambientes privados. Os Chimæras ficam no fundo, aninhados ao redor das caixas e dos suprimentos. Por causa da restauração e da mostra no museu, os armários estão repletos de roupas e a cozinha tem alguns equipamentos e ferramentas úteis. Demos sorte. Ao longo do próximo um ano e meio, estaremos vivendo em uma casa-modelo, sobrevivendo graças aos suprimentos de Raylan.

Encontro um velho leitor de dados no *cockpit* descrevendo as funções e os recursos da espaçonave e o mostro a Zophie e Crayton. Digo a eles que é meu dever como pilota conhecer a nave o máximo possível e peço que me deem algumas horas, escolhendo uma das minúsculas salas privadas para chamar de minha. O ambiente é apertado e os únicos móveis são uma cômoda, uma cadeira e uma cama que é uns quinze centímetros menor do que eu. Jogo o leitor de dados na cama e me sento na cadeira, olhando fixamente através do vidro grosso da escotilha. E penso nele. Não era a minha intenção, mas é impossível não fazer isso estando ali, voando pelo espaço.

Zane. Meu irmão mais novo.

Houve uma época em que Zane era uma presença constante e iluminada na minha vida. Ele era um Garde que iria fazer do meu avô o loreano mais orgulhoso do planeta. Pelo menos era o que Zane sempre dizia. Eu me lembro de um dia, quando ele tinha oito ou nove anos e nós estávamos sentados ao redor da mesa tomando café. Ele parou de comer de repente, largou o garfo e se virou para o nosso avô.

— Papa — disse ele, com a voz mais séria com que eu já o tinha visto falar. — Quando crescer, eu vou ser um Ancião. E se já houver nove Anciões, eles olharão para mim e farão de mim o décimo. Vou deixar minha família orgulhosa.

Eu segurei uma risada, mas meu avô apenas assentiu e sorriu.

— Eu acredito em você, Z — disse ele. — Mas, se vai fazer isso, vai precisar começar comendo o resto do café da manhã.

Quando penso no passado, vejo que o melhor momento da minha vida foi quando eu e Zane estudamos juntos na Academia de Defesa de Lorien. Ele era apenas um menino — com treze anos de idade —, mas eu já estava no segundo ano da especialização em tecnologia da ADL. Era muito mais nova do que meus colegas de turma. Eu levava jeito para eletrônica, e isso me fez subir de nível muito rápido, permitindo que eu trabalhasse em projetos dos quais outras pessoas da minha idade nem sequer sonhariam em participar. Coisas como programar simulações e navegações de satélites. Eu inclusive ajudei a adaptar algumas de nossas tecnologias lóricas para que fossem levadas à Terra. Pensei que tivesse me encontrado. Não tinha vontade de ser uma Mentora Cêpan. Com exceção de Zane, nunca me interessei em treinar ou supervisionar uma criança com Legados. Mas números e computadores faziam sentido para mim. Eu me sentia em casa na ADL, trabalhando mais horas por dia do que provavelmente era considerado saudável.

E via Zane com frequência. Principalmente durante as refeições ou quando ele aparecia nos laboratórios de tecnologia para se exibir e contar como havia se saído bem no treinamento. Ele estudava em um canto enquanto eu trabalhava. Às vezes, ele caía no sono em cima dos livros e eu tinha que acordá-lo e arrastá-lo de volta para o seu quarto. Éramos os irmãos perfeitos. Ambos excelentes. Ambos com futuros promissores

Zane foi colocado junto com um Cêpan chamado Dalus, cujas qualificações eu questionei desde o princípio. Ele era novo demais, inexperiente demais para treinar alguém como Zane, que era obstinado e ávido para mostrar do que era capaz. Eu não achava que Dalus daria conta dele. O homem era manso, com uma voz tão baixa que era preciso se aproximar para ouvi-lo. Eu havia passado

tempo suficiente correndo atrás de Zane na casa do nosso avô para saber que meu irmão precisava de uma figura de autoridade para mantê-lo nos trilhos.

Eu cheguei a reclamar com os superiores da academia. Tudo o que eles disseram foi que os laços entre Garde e Cêpan já haviam sido estabelecidos e que seria muito prejudicial a ambos se eles fossem separados. Assim eram as coisas em Lorien. A ADL falava em nome dos Anciões, e o que quer que os Anciões dissessem valia. Não havia espaço para reclamações. Portanto, eu tentei aceitar que o sistema sabia o que era melhor para Zane. Que, como irmã mais velha, talvez eu estivesse exagerando. Sendo superprotetora demais. Me importando demais.

Depois que Zane desenvolveu o Legado de voar durante o segundo ano na academia, eu mal o via com os pés no chão. Diversos Gardes podiam voar, mas Zane voava com muita elegância e velocidade. Era como se estivesse se teletransportando, indo de uma ponta a outra do campus em um piscar de olhos.

Ele estava cumprindo a promessa que fizera à nossa família. Estava se tornando algo inegavelmente especial.

Dalus também via potencial em Zane. Não apenas como aluno, mas como alguém que ele podia explorar. Se Zane fosse o voador mais rápido do planeta, seu Cêpan também ganharia prestígio e reconhecimento, merecesse ele ou não. As pessoas olhariam para Dalus e diriam: "Ah, olhem como ele treinou bem este magnífico Garde." Havia outras vantagens também. Mesmo na área de engenharia, eu ouvia histórias de membros mais velhos e mais ricos do CDL apostando em corridas de Gardes e em outras competições. Se fizesse as coisas direito, Dalus obteria um bom lucro às custas de meu irmão. Então, ele pressionou Zane até o limite, sempre insistindo que ele poderia voar mais rápido, mais longe, por mais tempo.

E aconteceu.

Eu estava em uma das pistas de voo, trabalhando na melhoria dos sistemas de navegação nos modelos de aeronave mais recentes, quando fiquei sabendo. Um superior do CDL que eu não conhecia foi quem me deu a notícia. Eu me lembro de ver sua manta ocre

quando ele desceu do transporte e de naquele momento saber que alguma coisa ruim havia acontecido. Que aquele homem estava lá para me ver.

— Foi um acidente — disse ele. — Zane estava fazendo treinamento de longa distância. Estava voando em velocidades incríveis... muito mais rápido do que deveria ser permitido. Havia uma nave de carga vinda de um Kabarak chegando à cidade. Achamos que Zane só a viu quando era tarde demais.

No começo, eu não entendi, até o homem começar a me contar algo sobre como a pulseira de treinamento de Zane — que registrava sua velocidade e localização — tinha parado de emitir sinais e que *alguma coisa* devia ter derrubado aquela nave. Ainda estavam verificando o local do acidente, mas queriam que eu soubesse o quanto antes. Queriam me dizer que meu irmão estava morto.

— Sentimos muito por sua perda — disse o homem. — Foi um acidente terrível.

Os minutos que se seguiram são um borrão. Eu só conseguia pensar que tinha havido algum engano. Zane não estava morto. Ele só havia tirado a pulseira de treinamento e estava escondido nas nuvens em algum lugar. Era tudo uma brincadeira dele. Meu irmãozinho lindo, inteligente, talentoso e carinhoso ainda estava flutuando lá em cima no céu, em algum lugar.

Zophie também estava na pista de voo, por conta de alguma questão da ADL, e tentou me acalmar, mas eu não me lembro do que ela disse. Eu não conseguia ouvir nada além das vozes na minha cabeça, gritando para mim sem parar:

Você precisa encontrá-lo.

Eu queria correr, gritar, brigar e chorar. O que acabei fazendo foi subir no *cockpit* de uma aeronave em que não tinha permissão para entrar e sair em disparada. Foi a primeira vez que voei sozinha, mas o sistema era moderno, e fez a maior parte do trabalho por mim. Eu sabia decolar e ligar o piloto-automático porque havia ajudado a desenvolver atualizações para o sistema de navegação. Antes que me desse conta, eu estava voando, procurando por Zane no ar. Eu não fazia ideia de onde ele estava treinando, mas isso não importava. Eu nunca me perdoaria se não tentasse encontrá-lo.

Por fim, exausta, pousei em algum lugar no meio do campo. Funcionários da ADL rastrearam a aeronave roubada e me levaram de volta ao campus. A essa altura, haviam finalmente localizado a pulseira de treinamento de Zane no local do desastre. E seus restos mortais. Eu queria ver Dalus — avançar nele —, mas não me deixaram nem chegar perto. Ele acabou sendo enviado para um Kabarak remoto — ninguém me disse onde. Deve ter sido desligado da Rede. Eu nunca o encontrei.

Tentei continuar na academia, mas tudo simplesmente perdeu o sentido. As pessoas continuavam usando aquela palavra — “acidente” —, como se isso fosse melhorar as coisas. Então, pela primeira vez, comecei a pensar sobre quão verdadeiramente falho era Lorien. Sobre quão frágeis eram nossas liberdades e como nossos líderes nunca eram responsabilizados por nada, não de verdade. E se Zane não tivesse sido obrigado a ir para a ADL? Se não tivesse que ser treinado para lutar e proteger? E se tivesse tido a chance de ser um garoto normal? E se ele tivesse algum poder de escolha? E se a ADL tivesse me ouvido quando eu disse que Dalus não era um bom Cêpan para ele?

“Acidente.” Essa palavra me atingia como um soco toda vez que era pronunciada. O que aconteceu com meu irmão não foi um acidente. Havia culpados. Dalus era o mais óbvio. Mas a ADL não ficava muito atrás. Sem contar os Anciões, que ordenavam que as crianças mais talentosas de nossa sociedade fossem treinadas como soldados com base em uma profecia que eu nem sequer acreditava que fosse real. Não naquela época.

Eu também tinha uma parcela de culpa. Errei ao acreditar em tudo aquilo — na ideia de que a ADL e o CDL manteriam Zane a salvo. Que eles se preocupavam com a gente, e não apenas com eles próprios.

Eu não consegui mais suportar ouvir a palavra “acidente”. Saí da academia. E nunca mais voltei.

Em meu quartinho na nave, não consigo tirar Zane da cabeça. Faz cinco anos desde que ele disparou pelo céu, e embora eu saiba que ele morreu, parte de mim ainda espera que ele milagrosamente apareça e que tudo volte a ser como antes.

Perder Zane deixou um buraco em mim, e isso fez com que eu rejeitasse toda e qualquer responsabilidade ao longo dos últimos anos. Pessoas, inclusive. Eu não conseguia mais me aproximar de ninguém — nem de nosso avô eu me despedi. Eu me recusava a sofrer de novo como sofri com a morte de Zane. Se isso significava ficar sozinha pelo resto de minha vida, que assim fosse.

Só agora me dou conta de que algumas das minhas suposições sobre Lorien e a forma como o planeta era governado estavam erradas. A profecia era real. Nós precisávamos de soldados — foram os Gardes, inclusive, que salvaram minha vida. Mas a que preço? Lorien provavelmente desapareceu. Cinzas. Se as informações de Zophie estão corretas, os Anciões salvaram apenas dezoito cidadãos. Dezenove, se contarmos Janus.

Por que eles? O que os tornava tão especiais?

O que os tornava mais merecedores de serem salvos do que eu?
Ou Zophie, Crayton e Ella?

Ou Zane?

CAPÍTULO SETE

As semanas se passam.

Os Chimæras se adaptam mais rápido do que nós. Imagino que já estejam acostumados, mudar para se adequar ao ambiente. Agora, são basicamente animais pequenos e peludos. Roedores hibernando em cestos de carga. Eles parecem saber que não há comida suficiente para garantir a sobrevivência de todos e, por isso, dormem o tempo todo. Quando não está com Ella, Crayton passa bastante tempo cuidando deles, acariciando seu dorso e os alimentando. Às vezes, acorda um por um e os faz comer um pouco de uma mistura à base de proteína, que vem em uma bolsinha dourada. Espero que consigamos chegar à Terra antes que eu saiba qual é o gosto dos pedaços cinza que caem daquela bolsa.

No começo, falamos sobre Lorien, elaborando teorias e nos fazendo as mesmas perguntas sem resposta de quando ainda podíamos ver a superfície em chamas do planeta através das escotilhas. Passamos horas tentando bolar explicações que não temos como confirmar. Temos apenas hipóteses, conjecturas. Nem sequer sabemos a situação do planeta no momento. Não demora muito para percebermos que estamos tendo a mesma conversa por dias a fio e, sem que qualquer um de nós precise dizer alguma coisa, fazemos um esforço consciente de manter o foco no futuro. O momento das respostas chegará quando estivermos na Terra, quando pudermos procurar por Janus e os Gardes e Cêpans retirados do planeta. Eles devem estar fazendo um caminho diferente do nosso, devido aos recursos da espaçonave mais nova. Chegarão à Terra meses antes de nós.

Zophie não pensa na possibilidade de alguma coisa acontecer com a nave de Janus em sua jornada ou que os mogadorianos a tenham

perseguido e interceptado. Crayton parece igualmente determinado a acreditar que os outros também estarão na Terra. Acho que ele se sente despreparado para criar Ella, e não posso culpá-lo por isso. Se ela for um Garde, assim como os pais, precisará de um Cêpan para treiná-la, e provavelmente há apenas nove deles restantes no universo.

Tento me manter otimista e acreditar que a outra nave escapou dos mogs com sucesso e chegará à Terra intacta. Tenho muitas perguntas que apenas os sobreviventes escolhidos podem responder. Talvez o próprio Lorigas esteja com eles, e eu possa colocá-lo contra a parede e perguntar por quê. Por que, depois de todo o nosso treinamento, não estávamos prontos. Por que os mogs vieram atrás de nós.

Por que tantos tiveram que ser sacrificados.

Chegar à Terra e encontrar os outros... esse será o verdadeiro desafio. Zophie foi perspicaz o suficiente para trazer um leitor de dados do museu com ela. Assim, ao longo de nossos meses no espaço, ela nos dá um curso rápido sobre a Terra, tentando nos ambientar um pouco para que não chamemos muito atenção quando chegarmos lá. O planeta não fez contato com qualquer tipo de vida extraterrestre — pelo menos não que se tenha conhecimento —, e Zophie não sabe ao certo como eles reagirão à descoberta de que não estão sozinhos no universo. Talvez com hostilidade. Mas nos misturarmos acaba parecendo uma tarefa muito mais difícil do que eu esperava. Em Lorien, os costumes e as culturas não mudavam muito, quer estivéssemos no meio da Capital ou carregando esterco de Chimæra em um Kabarak. Mas na Terra parece ser bem diferente. O planeta é muito maior e dividido em partes muito distintas. Não há um governo dirigindo todas as pessoas do planeta, ou “humanos”, como Zophie os chama. Toda essa diversidade parece ótima na teoria — é o tipo de sociedade em que sempre imaginei que Lorien se transformaria se simplesmente abrissemos os olhos. Mas, para alguém vindo de outro planeta, ela torna muito mais difícil compreender os humanos. Felizmente, temos muito tempo livre, então, aprender sobre a Terra pelo menos nos ajuda a fugir da monotonia de nossa viagem.

Isso sem contar a aflição de ver nosso estoque de comida diminuindo lentamente. Pelos cálculos de Zophie, teremos mantimentos suficientes para chegar bem à Terra, mas, conforme os meses passam, todos começamos a comer quantidades cada vez menores. Sobrevivemos de frutas de Karo secas e mascando proteínas.

Zophie insiste que devemos ter pelo menos um conhecimento rudimentar dos diversos idiomas antes de pousarmos — o suficiente para fazermos perguntas simples e parecermos turistas, em vez de três pessoas que não sabem falar um dialeto sequer do planeta. Mais uma vez, fico impressionada com o quanto as pessoas que habitam um mesmo planeta podem ser diferentes. O quanto é estranho que esses bilhões de pessoas não consigam sequer se comunicar umas com as outras. Começamos com uma língua chamada francês, já que suas vogais são muito parecidas com nossa língua lórica nativa, então mudamos para outras de que eu nunca havia ouvido falar: espanhol, inglês e depois mandarim. Crayton e Zophie se saem muito bem, e logo os dois estão rindo de piadas em uma língua chamada alemão, enquanto eu ainda estou lutando para pronunciar "*Ich heiÙe Lexa*" — provavelmente porque passo a maior parte do tempo escrevendo tudo o que lembro sobre os sistemas de comunicação da Terra em vez de estudar novos idiomas. Fico mais à vontade com a linguagem das máquinas — uns e zeros e linhas de código formatadas cuidadosamente. Com base no meu tempo na ADL, presumo que a Terra tenha atingido um ponto de sua evolução tecnológica em que esteja interconectada por máquinas e contando com elas da mesma forma que contávamos em Lorien. A internet foi um dos muitos presentes que os loreanos deram aos humanos ao longo dos séculos. Não que eles saibam disso ou dos muitos outros tesouros que nós concedemos a eles. Ou mesmo que algumas de suas mentes mais brilhantes não eram de seu planeta, mas do nosso. Eu costumava me perguntar por que dedicávamos recursos a ajudar um planeta tão distante se não recebíamos nada em troca. Nem mesmo o reconhecimento de nossas contribuições. Mas agora começo a me perguntar há quanto tempo os Anciões sabiam sobre os mogadorianos. Quanto da "guerra secreta" era real.

Todo esse tempo eles estavam se preparando para migrar para um novo mundo?



Seis meses depois de nossa partida, encontro Crayton com a respiração ofegante, sentado no chão ao lado do berço improvisado que montamos para Ella — um grande cesto de plástico amarrado a uma mesa, com vários cobertores dentro. O rosto de Crayton está pálido, e sua testa está brilhando de suor.

— O que aconteceu? — pergunto, indo primeiro checar a bebê. Mas ela está ótima, dormindo com toda a tranquilidade do universo.

— O que vou fazer com ela? — pergunta ele. — Eu cuido de animais. Só isso. Eu apenas garanto que tenham comida e água e não fiquem doentes. Não sei como cuidar de uma criança.

Eu o encaro. Não sei se realmente quer uma resposta ou se está apenas falando consigo mesmo. Ele continua:

— Mesmo depois de todos os nossos estudos, tenho a sensação de que não sei quase nada sobre a Terra. Como vou garantir que ela fique bem? Em que *língua* eu devo falar com ela, afinal? Lórico? E se ela perguntar sobre os pais dela? O que devo dizer?

Olho na direção do *cockpit*, onde Zophie está perdida entre as estrelas, olhando fixamente para tudo e nada ao mesmo tempo. Acho que vou ter que lidar com esta situação sozinha.

— Você vai contar a ela o que quiser — digo.

— Que bela história para contar na hora de dormir — ironiza ele. — “Então, sua mãe e seu pai provavelmente estão mortos e me mandaram embora com você em uma nave com um monte de animais para garantir que ficasse a salvo.” Como se explica isso a uma menininha?

Não sei o que dizer a ele. O que eu diria a Ella? O que diria a Zane? Meu primeiro instinto seria contar a verdade, sem dúvida. Mas e se a verdade for assustadora? Como encontrar o meio-termo? E se a verdade a colocar em perigo?

— Talvez você não deva explicar — sugiro. — Talvez deva dizer a ela algo que vá ajudar a mantê-la viva e em segurança. Mesmo que isso signifique mentir. Você vai ter que perguntar a si mesmo se é mais importante que ela saiba a verdade ou que seja capaz de dormir sem temer que todas as pessoas que ela conhece sejam destruídas por uma labareda no meio da noite.

Crayton me encara. Está com os olhos vermelhos.

— Eu não vou mentir para ela.

Ela começa a acordar, arrulhando e se espreguiçando. Crayton se levanta de um pulo, inclinando-se sobre ela. Balanço a cabeça.

— Quando chegar a hora — digo — você fará o que for preciso para protegê-la.

Deixo-o com a bebê e volto para o meu quarto.

CAPÍTULO OITO

Quando finalmente vemos a Terra, a cabeça de Ella está coberta por fios castanhos. E nós estamos mais desgrenhados do que nunca.

Crayton está com uma barba escura e volumosa que chega quase à metade do peito. Eu estou com um tufo de três centímetros na cabeça e Zophie mantém os longos cachos ruivos presos para trás com um pedaço de tecido.

Estar tão perto de nosso destino é tranquilizador, já que estamos começando a ficar sem suprimentos. Sem jamais falarmos a respeito, estávamos racionando metade da nossa ração, e o resultado são três loreanos esqueléticos com olheiras escuras. A única exceção é Ella. Está gorducha, o que me leva a crer que Crayton vinha dando a ela parte da própria comida. Não que eu me importe. A menina consegue ficar de pé e até correr um pouco se não tomarmos cuidado — a nave não foi planejada para acomodar crianças, e tem diversos cantos e quinas que não são muito seguros. Ella sabe inclusive dizer algumas palavras. Talvez mais do que algumas. É difícil saber se ela está apenas fazendo barulhos ou tentando formar palavras em uma das línguas que estudamos.

Ela definitivamente sabe pelo menos nossos nomes, ainda que tenha dificuldade com algumas das consoantes. Nós nos tornamos “Leq”, “Zoey” e “Ray-un” para ela, sendo que o último é o mais estranho de ouvir saindo da sua boca, já que ela poderia facilmente estar tentando pronunciar o nome do pai. Mas não há como negar que é Crayton que ela está chamando, porque, quando acorda, seus olhinhos brilham sempre que ela o vê.

E a forma como Crayton olha para ela começou a mudar também. Agora não é mais apenas com preocupação, como se ela fosse um

objeto frágil que ele tem a responsabilidade de proteger. A preocupação ainda está lá, mas sob uma grossa camada de afeto.

Quando chamo todos ao *cockpit* para verem a Terra, ainda que no momento ela seja apenas uma cabeça de alfinete azul a distância, Crayton traz Ella junto com ele.

— Está vendo aquilo? — pergunta ele, falando com a criança e apontando para o espaço. — Aquela é a nossa nova casa. É lá que você vai crescer.

Ela apenas solta alguns sons desconexos e puxa a barba dele com as mãozinhas gorduchas.

Ainda faltam alguns dias para a Terra aparecer grande à nossa frente e para que precisemos decidir onde e como vamos pousar. Digamos que tempo e recursos não são exatamente um luxo de nossa viagem, já que a essa altura estamos usando o resto dos combustíveis fósseis sintéticos. Com base em nosso ângulo de aproximação e na rotação da Terra, temos uma noção muito básica de onde, geograficamente, poderemos pousar. Nossa reserva de combustível está tão baixa que vamos contar com a força gravitacional da Terra para nos levar até o chão.

Sentada no lugar do copiloto, Zophie avalia mapas da superfície do planeta. Finalmente, aponta para um ponto em um dos monitores do *cockpit*.

— Lá — diz ela. — É um deserto.

— Aquele monte de areia? — pergunto, levando alguns segundos para compreender o que isso significa, já que desertos não eram nem um pouco abundantes em Lorien.

— Isso mesmo. E, mais importante, é amplamente desabitado, então não precisaremos explicar de onde viemos a um bando de espectadores curiosos. Vamos poder deixar a nave lá e depois viajamos por um dia ou mais até uma grande área metropolitana, uma cidade chamada Cairo.

Incluo as coordenadas em um painel de navegação.

— Acho que vamos conseguir — digo. — Diga a Crayton para pegar Ella e apertar os cintos. Quando entrarmos na atmosfera terrestre, a situação vai ficar turbulenta.

Nós três permanecemos em silêncio ao começarmos a aproximação final do planeta. Até Ella não solta um pio, como se percebendo que aquele é um momento importante. Mantenho os olhos fixos nos painéis de instrumentos, monitorando a diminuição do calor do lado de fora enquanto atravessamos a bolha atmosférica.

— Não está tão mau — sussurra Crayton, afinal. — Pelo menos não há uma frota de aeronaves pairando ao nosso redor...

A nave começa a sacudir violentamente, fazendo-o se calar.

— Está tudo... — começa Zophie.

— Estamos bem.

Meus olhos se alternam freneticamente entre os controles e a superfície do planeta cada vez mais próxima. A aeronave continua sacudindo para a frente e para trás, como se estivesse tentando destruir a si mesma. Mas ela resiste enquanto aceleramos na direção de uma extensão de terra dourada.

Um dos monitores emite um bipe. Está na hora de acionar as medidas de reentrada: uma dúzia de propulsores laterais que diminuirão rapidamente a velocidade de nossa queda até estarmos pairando acima da areia.

— Segurem-se! — grito, acionando a chave.

Mas nada acontece.

Aciono a chave novamente. E de novo. Nenhuma resposta.

— Merda! — resmungo. Meu coração e meu cérebro disparam. — Merda, merda, merda.

— O que foi? — pergunta Crayton.

— Os propulsores de reentrada não estão funcionando.

Estamos indo rápido demais. Praticamente não temos combustível. Será impossível ejetar a essa velocidade. Alarmes e alertas começam a disparar no *cockpit*. Aperto vários botões até receber uma informação que ajude a explicar o que está acontecendo: nós nunca reconstruímos completamente os propulsores durante a restauração. Só tenho como acionar dois propulsores dianteiros, mas é uma jogada única, e eles apenas mudarão ligeiramente a direção de nossa descida.

Vamos cair.

Em algum lugar atrás de mim, os Chimæras gritam e Ella chora enquanto os monitores do *cockpit* emitem barulhos terríveis que parecem dizer: “É tarde demais. Vocês estão mortos.”

Tento manter a calma, repassando as opções mentalmente. Não há nada que possamos fazer — nem mesmo um paraquedas de reentrada que possamos acionar.

E então, de repente, uma imagem me vem à mente. Zane. Depois que começou a voar, seu jeito preferido de me assustar era ir com tudo na direção do chão até eu estar implorando para ele desacelerar, para parar, sempre certa de que ele acabaria se espatifando no gramado ou na rua. Ele esperava até o último segundo e, finalmente, recuava, subindo novamente. Um tornado em forma de menino.

— Todos se preparem — digo. — Vou tentar uma coisa.

Eu os ouço gritando coisas para mim, mas não os escuto. Preciso estar completamente focada. Estamos nos aproximando cada vez mais da Terra, mas eu aguardo. Tenho apenas uma chance. *Nós* temos apenas uma chance.

O deserto está cada vez mais perto. Zophie grita. Crayton abraça Ella.

Eu aciono os comandos dos propulsores dianteiros.

Nós nos endireitamos por uma fração de segundo, até ficarmos paralelos à superfície arenosa. É quando injeto o que nos resta de combustível em um forte impulso para cima. Funciona. Por algum milagre, não caímos. Não exatamente. O deserto se transforma em um grande borrão enquanto o sobrevoamos de muito perto. Começamos a rodar. Tenho certeza de que a qualquer momento a nave vai se partir ao meio e nos cuspir para fora, estraçalhando nossos corpos na areia. Mas ela se mantém inteira por tempo suficiente para arremeter em uma duna gigante. Estamos cobertos de areia, o *cockpit* totalmente no escuro, com exceção das luzes de emergência ainda piscando.

Tudo está calmo, exceto pelos urros dos animais. Ella chora.

Quase sinto medo de desviar o olhar dos controles e soltar o manche. Então ouço Zophie arfando e Crayton falando com Ella, e

sei que estão vivos. Eu me viro para eles. Estão encharcados de suor e com os olhos arregalados, mas estão bem.

Eu nem sequer tinha me dado conta de que estava prendendo a respiração, mas expiro, afinal, afastando as mãos trêmulas dos controles.

— Você conseguiu — diz Zophie.

E eu não consigo deixar de soltar uma risada histérica e confusa enquanto tento recuperar o fôlego.

CAPÍTULO NOVE

Sair da espaçonave se revela um desafio.

Graças à carga de armas de Raylan — uma das poucas caixas em que não tocamos durante nossa jornada de um ano e meio —, conseguimos escapar. Meu pouso pode ter evitado que nos despedaçássemos, mas também nos enterrou profundamente em uma duna de areia. A porta de carga está bloqueada, e, sem combustível para acionar os propulsores ou o motor, é impossível fazer impulso para fora da areia. Depois de avaliar nossas opções, encontro uma velha granada em uma das caixas e abro um buraco na lateral da área de carga enquanto nos abrigamos no quarto de Crayton junto com os Chimæras.

Por um lado, é ótimo que tenhamos feito um pouso forçado no meio do nada, sem humanos por perto. Por outro, não enxergar nada além de areia e dunas ao nosso redor não é a visão mais acolhedora.

— Como são os radares na Terra? — pergunto, saltando na areia quente, vestindo a camiseta e a calça preta que estava usando na noite em que tudo mudou em Lorien. Elas estão um pouco maiores em mim agora, mas não ligo. Só penso em como é bom estar respirando ar que não tenha sido reciclado e sentir a luz batendo na pele. Não me importo com o calor. Eu *agradeço* por ele, assim como agradeço pelo chão sólido e estável sob meus pés.

— Seus sistemas não são exatamente rudimentares — explica Zophie, saindo pelo buraco enfumaçado. — É possível que alguém tenha identificado nossa entrada. Estamos no norte da África. No Egito. Estamos perto o bastante da capital para que pudessem estar de olho no céu.

— Alguém pode pegá-la? — pergunta Crayton, e então entrega Ella para Zophie.

Logo, nós três estamos de pé no alto da duna em que nossa nave bateu. A areia se estende pelo que parece uma eternidade.

— Para onde vamos? — pergunta Crayton, com Ella amarrada ao peito, a mão sobre a cabeça da bebê para protegê-la do sol.

— Não sei. — Zophie morde o lábio. — Eu estava me guiando pelo que conseguia ver da Terra no espaço, porque estávamos muito perto.

— Não há alguma coisa na nave que possa nos indicar onde fica a civilização? — questiona Crayton.

— Nenhuma das nossas tecnologias funciona com os satélites daqui — explico. — Talvez eu consiga configurar algo, mas não faço ideia de quanto tempo levaria.

Zophie leva a mão à testa, cerrando os olhos.

— Se os humanos estiverem cientes da nossa entrada, podem estar vindo para cá.

— Então é melhor irmos logo — digo. — Tentar encontrar uma região povoada e nos misturar aos outros.

Há algo se movendo abaixo de nós, e eu me dou conta de que os Chimæras saíram da nave e estão se alongando, transmutando de formas e brincando uns com os outros na areia. Parecem tão felizes quanto nós por estarem do lado de fora da nave novamente. Algumas assumem a forma de aves e saem voando em direção ao céu.

— Eu nunca os vi tão agitados — murmura Crayton.

— É bom que se acalmem logo, enquanto não tem ninguém por perto — digo.

Uma pergunta me vem à mente: *o que vamos fazer com todos esses animais agora que estamos na Terra?*

Uma delas — uma ave azul gigante — voa mais alto do que as outras, os olhos dourados brilhando como um farol no céu. Ela solta um pio e então desce, dando duas voltas ao nosso redor e voando tão perto de mim que sinto em meu rosto seu rastro no ar. Então o animal volta para o céu, batendo as asas, olhando novamente para nós.

— Aquele Chimæra está nos chamando para segui-lo ou fui eu que enlouqueci no espaço? — pergunta Zophie.

— Possivelmente as duas coisas — digo.

— O nome dela é Olivia — diz Crayton. — Sempre foi uma das mais inteligentes. — Ele se vira para nós. — Acho que devemos segui-la.

Zophie e eu nos entreolhamos. Ela dá de ombros.

— Aquela direção parece tão boa quanto qualquer outra.

Antes de partirmos, dou uma boa olhada em nossa nave. Ou no que sobrou dela. Além do buraco que explodimos no casco traseiro, as unidades principais de propulsão parecem ter fritado durante a reentrada. Sem as peças e os materiais necessários, não há como aquela espaçonave voltar a voar.

— Acho que esta nave fez seu último voo — digo, subitamente me sentindo enclausurada neste novo planeta.

— Então simplesmente a deixamos aqui, ou o quê? — pergunta Zophie.

Ela dá a sugestão de explodirmos a nave, para que os humanos não a encontrem e não se desesperem com a revelação de que não são a única vida inteligente no universo. Não consigo saber se ela está brincando ou não, mas, de qualquer maneira, argumento que é uma má ideia — não fico exatamente empolgada com a possibilidade de destruir o que pode ser um dos únicos sistemas de computador lóricos restantes no universo. Além disso, a nave está praticamente enfiada em uma duna de areia, ou seja, está escondida. Depois de alguns dias, é provável que desapareça por completo. Assim, reunimos os poucos suprimentos que nos restam e os distribuímos em mochilas para carregarmos pesos semelhantes. Há pouca comida e apenas algumas armas — facas, granadas de choque e alguns explosivos. Raylan não economizou em outros recursos, porém. Dividimos as joias — anéis, pulseiras, colares — e as pedras preciosas.

Sáímos andando. Talvez essa seja a primeira vez que me dou conta da enormidade de nossa situação. Agora somos refugiados. Quatro seres sem um planeta. Somos uma espécie à beira da extinção, confiando na orientação de um animal, porque não temos

um plano ou uma alternativa melhor. Embora a Terra fosse nosso destino pretendido há meses, estar sobre seu solo arenoso é surreal. E muito estranho.

Era tão monótono na nave que eu deixei de lado os velhos rancores, mas agora que estamos na Terra, revivo todo o ódio que sentia pela forma como Lorien era governado e por como o planeta foi destruído. Amaldiçoo silenciosamente os nomes de cada um dos Anciões. É algo que já fiz inúmeras vezes, normalmente pensando em Zane. Ou nos loreanos que morreram no ataque mog — mesmo os que faziam parte do sistema, quer percebessem isso ou não. Neste momento, porém, com a criança aos prantos e nossos pés afundando na areia, eu amaldiçoo os Anciões por mim, Zophie, Crayton e Ella. Por tudo que poderiam ter feito para nos preservar. Por nos colocarem nesta situação.

Por pensarem que não valia a pena nos salvar.

Seguimos Olivia. O resto dos Chimæras vem atrás de nós. Por fim, quando nosso ritmo diminui, alguns deles se transformam em animais de quatro patas e carregam a nós e os suprimentos. Continuamos assim até que eles comecem a ficar cansados. E então acampamos.

Cai a noite. Zophie conclui que não deve ser nem verão nem inverno, pois, de outra forma, as temperaturas neste clima desértico seriam extremas. Está frio, mas conseguimos suportar. Um dos Chimæras se transforma em um grande animal com pelos longos e macios e, depois de hesitar um pouco, eu cedo e me recosto nele. Adormeço rapidamente, a mente vagando para outros tempos. Zane e eu brincando na casa de nosso avô. Nossa empolgação mútua com sua primeira manhã na academia. Tardes perfeitas em Lorien.

Estamos na metade do segundo dia de caminhada quando avistamos estruturas ao longe. Triângulos altos cor de areia se destacam no horizonte. Quando Zophie os vê, dá um grito, correndo alguns passos.

— As Grandes Pirâmides — diz ela. — São construções antigas, um dos primeiros projetos que os loreanos lideraram aqui na Terra, há eras, quando ainda estávamos tentando avaliar as competências

das formas de vida daqui. É isso. O Chimæra nos guiou na direção certa.

Assim, seguimos em frente com o ânimo renovado.

Algumas horas depois, começamos a passar por pequenas construções e, finalmente, chegamos a estradas. Os Chimæras ficam menores. Alguns correm pelos canais como lagartos. Outros se encarapitam nos telhados como pássaros. Posso jurar que vejo um pequeno roedor entrar em um dos bolsos de Crayton.

Nós chamamos atenção, com expressões cansadas no rosto e mochilas nas costas. Alguns homens reunidos na frente do que parece ser um mercadinho nos fazem perguntas em uma língua que não reconheço. Mas Zophie, sim. Deve ser uma das que ela estudou sozinha. Ela conversa com eles por alguns minutos, chegando a rir um pouco?

— O que foi? — pergunta Crayton, em lórico.

Lanço um olhar para ele.

— Esta não é mais a nossa língua — falo, em francês.

Zophie dá um sorriso sem graça.

— Eles disseram que parecemos ter acabado de atravessar o deserto a pé. E que teria sido uma jornada e tanto, de fato.

— Pergunte onde podemos encontrar um lugar para ficar.

Ela volta a conversar com eles. As palavras saem rapidamente, e parece que os ânimos estão exaltados.

— Estamos em Gizé — diz ela. — Eu disse a eles que precisamos de um lugar para dormir, mas eles estão tentando nos vender um passeio para alguns dos pontos turísticos locais. Eles acham que estamos visitando.

Dou alguns passos para a frente, com a cara fechada. Tenho muitos centímetros a mais do que esses homens, e quando planto as botas diante deles, sinto que ficam apreensivos. Enfio a mão no bolso e tiro um pequeno anel brilhante do estoque de Raylan, mostrando-o para eles.

— Diga que é deles, se nos levarem a camas confortáveis — digo.

Zophie fala. Os homens sorriem.

CAPÍTULO DEZ

Negociamos. Tomamos banho. Dormimos pelo que parece um longo tempo.

Tentamos nos adaptar.

Nós nos hospedamos em três quartos no que entendo se tratar de um abrigo temporário chamado hotel, usando nomes que Zophie nos designou. Dividimos os Chimæras entre nós, deixando-os dormir a nossos pés nas camas imensas. Tentamos passar alguma impressão de normalidade. Depois de ficarmos presos em um tubo de metal por um ano e meio, a possibilidade de andar por uma cidade durante uma hora — apenas mexendo as pernas e sentindo o vento no rosto — é uma bênção.

Vendo muitas coisas de Raylan em casas de penhores pela cidade depois de descobrir o que é uma casa de penhor, e levo as melhores joias a lugares especializados. Os funcionários das lojas olham para mim com desconfiança quando, com um inglês que eu sei que é péssimo, digo que as peças eram relíquias de família. Mas eles compram mesmo assim, e acumulamos uma pilha do dinheiro usado em Gizé — embora, para ser sincera, os maços de papel e as moedas não façam muito sentido para mim, já que não sei quanto custa sobreviver neste planeta. Mas é Zophie quem está encarregada das finanças, e ela diz que temos dinheiro suficiente para vivermos por ora.

A cidade em si parece bastante segura, mas, por precaução, levo um dos explosivos de Raylan no bolso sempre que saio do hotel. Aprendi da pior forma como tudo pode mudar de um instante para o outro. Além disso, a Terra não tem um histórico muito tranquilizador em se tratando de violência e guerras.

Pego um pouco do dinheiro para comprar um laptop, que neste planeta é considerado tecnologia de ponta, mas que, para mim, é uma máquina arcaica que acredito que meu avô tenha usado. Ainda assim, por mais primitivo que seja, parte de seu hardware é baseado em sistemas lóricos que conheço bem. Desmonto o computador, que deve pesar mais do que Ella, e o monto novamente, incorporando componentes dos dois leitores de dados que tínhamos na nave. O resultado é uma atualização decente.

Os sistemas de comunicação no planeta são tão rudimentares quanto os equipamentos de computação, mas serão suficientes. Começo a trabalhar colhendo dados, varrendo a internet em busca de qualquer informação sobre a outra nave, qualquer coisa que possa estar relacionada de alguma forma aos loreanos. Mas o planeta é muito grande, com muitos lugares para se esconder, muitas línguas diferentes. O progresso é lento. Pelo menos eu me sinto em casa novamente, de volta ao mundo de uns, zeros e códigos.

Para Zophie, no entanto, os dias parecem pesar. Cada hora que se passa sem notícias do irmão provoca mais uma rachadura em sua casca. É desconcertante. Na nave, nossa frustração era causada pelo fato de estarmos presos, sem poder fazer nada. Mas agora, na Terra, onde temos como realmente fazer alguma coisa, nossa incapacidade de encontrar qualquer pista só faz aumentar sua angústia. E, para piorar, embora ela seja a especialista em culturas e questões de outros mundos, sou eu quem estou conectada, é comigo que ela precisa contar. Ela é capaz de digitar alguma coisa em um mecanismo de busca, mas sou eu que realmente consigo esquadrihar a internet deste planeta. Conheço softwares traiçoeiros e sei identificar coisas que estão aparentemente escondidas. Ela se sente impotente. A cada dia, suas olheiras ficam maiores.

Depois de algumas semanas em nossa residência indefinida no hotel, finalmente encontro uma pista concreta sobre Janus e os demais. Acho um fórum com pessoas postando "provas" de contatos com espécies alienígenas. A maior parte das fotos é granulada e sem foco, e vejo os fios pendurados em alguns dos "discos voadores" que usuários tentam fazer passar por espaçonaves extraterrestres

legítimas. Deve ser estranho viver em um planeta sem qualquer conhecimento de que outras culturas e espécies existem no universo. Eu me deparo, então, com uma foto de algumas semanas antes que exhibe uma silhueta inconfundível. Uma nave lórica.

Vista nos Estados Unidos.

Zophie e Crayton estão na rua comprando comida. Ella está dormindo atrás de mim em um berço trazido do quarto de Crayton. Estou sozinha e me concentro na busca pela nave. Meus dedos voam pelo teclado.

Depois de procurar um pouco, identifico o endereço de IP do usuário que postou a foto. Vejo que é um pequeno condado na parte norte de um estado chamado Nova York. Um mapa populacional me mostra que o lugar é isolado e pouco povoado — o local perfeito para esconder uma nave. Continuo investigando, tentando encontrar mais informações sobre o usuário que fez o upload da imagem. Ele não respondeu a nenhum comentário em seu post — a maioria banal ou inútil. Na verdade, sua presença on-line nos fóruns parece desaparecer completamente alguns dias depois de a imagem ser publicada, o que é estranho, porque, ao que parece, ele costuma ser um usuário bastante ativo. Quando envio um e-mail através do endereço correspondente a seu nome de usuário, recebo uma resposta automática dizendo que “não foi possível enviar a mensagem”.

Reúno informações sobre o homem misterioso com base na grande quantidade de dados pessoais que ele deixa para trás em seus comentários nos fóruns e rastreio o nome de usuário dele através de vários outros sites. Não demoro muito para descobrir sua verdadeira identidade: Eric Bird. Depois de algumas pesquisas, procuro registros de propriedades na região de Nova York com o nome dele.

Encontro um endereço residencial.

Não é muita coisa, mas é um ponto de partida.

Há um número de telefone anexado ao endereço, mas, quando ligo, dá ocupado. Continuo tentando, a cada dez minutos, durante toda a hora seguinte. No fim, Zophie e Crayton voltam. Quando conto a eles o que descobri, Zophie larga as compras e corre até

mim. Ela me abraça antes mesmo que eu consiga me levantar da cadeira.

— Eu sabia que você ia conseguir — sussurra ela. — Obrigada, obrigada!

Dou um sorriso, é inevitável. Zophie precisava desesperadamente de notícias. Foi bom poder dá-las a ela.

— Precisamos de uma espécie de certificado para irmos a outro país, certo? — pergunta Crayton. — De identificação?

— Passaportes — digo. — Precisamos de passaportes. Posso dar um jeito nisso.

— Como?

— A Terra não é tão diferente de Lorien. Há gente disposta a fazer qualquer coisa pelo preço certo. Andei investigando uma parte da internet que a maioria dos humanos provavelmente sequer sabe que existe. É usada principalmente por criminosos. Encontrei pessoas perto do Cairo que nos ajudarão.

— Precisamos ir — diz Zophie. — Precisamos encontrar Janus e os outros.

— Não sabemos se eles ainda estão nos Estados Unidos — diz Crayton, a voz cheia de ceticismo. — Além disso, não me sinto confortável em confiar a vida de Ella a... o quê, alguns falsificadores? *Criminosos* em um planeta que mal conhecemos?

— É a melhor pista que temos.

Zophie bate com a mão aberta na mesa, falando mais alto. Crayton a encara por alguns segundos antes de se virar para mim.

— Quando a foto foi tirada?

Hesito, olhando para Zophie.

— Algumas semanas atrás.

— Eles podem estar em qualquer lugar a essa altura — diz Crayton. — Olha, eu não quero que vocês achem que não estou empolgado com isso, porque estou. Só estou tentando ser prático.

— Janus é inteligente o suficiente para saber que ficar andando de um lado para o outro em uma espaçonave em um planeta estranho é má ideia — diz Zophie. — Esta foto provavelmente é do pouso deles. Janus disse que eles tinham um contato aqui, alguém que Pittacus arranjou para eles. Eles vão querer manter sua

identidade em segredo, exatamente como estamos tentando fazer. Vão querer se misturar. Acho que a melhor pista que vamos conseguir deles é esta foto. E quanto mais esperarmos para irmos atrás desta pista, mais frio ficará o rastro deles.

Crayton olha para mim, as sobrancelhas arqueadas, esperando que eu diga alguma coisa. Mordo o lábio, olhando fixamente para a exuberante paisagem verde no fundo da foto.

— Vamos tirar um dia para pensar nisso — digo, embora eu saiba qual será a decisão. É claro que iremos atrás disso. Zophie quer encontrar o irmão dela.

E eu quero respostas.

Há apenas um problema.

— Será incrivelmente caro conseguir documentos de viagem falsos — digo. Embora eu não saiba muito sobre o custo das coisas neste planeta, sei que passaportes falsos tomarão uma grande parte do dinheiro que juntamos. — Temos algumas opções. Posso dar uma olhada nos sistemas bancários do planeta e dar um jeito de passar alguns fundos de outras empresas e corporações para uma conta nossa. Mas eu estava tão focada em encontrar pistas que não olhei isso ainda. Não sei quanto tempo levaria.

— Qual é a outra opção? — pergunta Zophie.

Vou até a cômoda do hotel e pego uma caixinha na gaveta. Eu a jogo para Zophie, que a abre e vê um anel de ouro com uma pedra de loralite no centro. Uma das peças mais pomposas da coleção de Raylan.

— Um joalheiro me disse que pagaria um bom dinheiro por quaisquer outros itens que tivessem esta “pedra estranha”. Acho que o nome dele era Emir. Acho que consigo dinheiro suficiente para pagar pela maior parte dos documentos se vender o anel. Talvez amanhã, até.

Zophie sorri.

CAPÍTULO ONZE

Uma das peças que vendi ao joalheiro, Emir, um colar de prata com um pequeno pingente de loralite, está em exposição na vitrine da loja. Crayton o observa do lado de fora antes de entrarmos. Ella estende uma mãozinha gorducha na direção do vidro.

— Eu provavelmente deveria ter guardado algumas dessas joias para ela — diz ele, baixinho, afastando o cabelo de Ella dos olhos. — Acho que eram da avó dela.

— Ela vai tirar mais proveito de segurança e respostas do que de quinquilharias — digo.

Ele franze o cenho. Parece um pouco desconfortável — inseguro — desde que contei sobre a fotografia, ontem à noite. Zophie, é claro, está esperançosa. Enquanto Crayton e eu estamos vendendo os pertences de um homem que muito provavelmente está morto, ela está arrumando nossas coisas no hotel.

— Vamos lá — digo, segurando a porta da loja para ele passar.

Chegamos cedo, e Emir é a única pessoa na loja, de pé atrás de um balcão nos fundos. Ele congela quando me vê, evidentemente me reconhecendo da outra vez, a mulher que levou a ele o colar com a pedra que ele nunca vira. Ele não parece tão empolgado quanto achei que ficaria, e eu me preocupo com a possibilidade de não recebermos o que esperávamos pelo anel de Raylan.

— Você veio — diz ele, enquanto ando até o balcão.

— Você disse que estaria interessado em quaisquer outras... peças *especiais* que eu tivesse — digo. Tiro a mochila das costas e abro-a para pegar o anel.

Crayton para em frente a uma das muitas vitrines espalhadas pela loja para apontar alguma coisa cintilante para Ella, que ri ao ver todos aqueles objetos brilhando.

Emir arregala os olhos ao ver a criança. Começa a dizer algumas coisas desconexas, mas gagueja, sem conseguir completar uma frase. Alguma coisa em Ella parece tê-lo perturbado demais.

— Está tudo bem? — pergunto, estreitando os olhos.

Emir assente. Enfia a mão no bolso do casaco, segurando o explosivo.

Ele leva alguns segundos para se recompor, olhando para uma foto presa à lateral de seu computador. É uma foto dele e de uma menina que parece um pouco mais velha do que Ella. Filha dele, suponho. Uma gota de suor escorre por sua têmpora, mas ele ignora. É só então que percebo os ferimentos — perto da testa e do colarinho da camisa.

Tudo parece subitamente muito errado.

— Ah, sim, a peça na vitrine — diz ele, como se eu tivesse perguntado sobre ela. Ele ganha vida novamente, sorrindo pela primeira vez desde que eu entrei, mas de uma forma forçada, ansiosa. — Você tem razão. O colar é lindo. Mas, infelizmente, não está à venda. Tivemos muitas pessoas interessadas naquela peça. Compradores que estão *extremamente* interessados em saber de onde veio. Infelizmente, não posso deixá-la experimentar.

Ficamos nos encarando. Ele desvia o olhar rapidamente para a direita, fitando com nervosismo algo do outro lado da loja. Acompanho o movimento e vejo a câmera presa à parede.

Fica óbvio demais que não deveríamos estar ali. Alguém tem perguntado sobre as joias lóricas — alguém que evidentemente o assustou. Alguém está nos observando, e eu não quero descobrir quem é. Pelo menos não assim. Não despreparada e com a criança junto.

— Que pena — digo, mantendo uma das mãos na arma enquanto me afasto de Emir. — Tenha um bom dia.

Seguro o braço de Crayton com a mão livre e o puxo na direção da porta. Ele começa a protestar, mas lanço um olhar para ele que faz com que fique quieto. Ele me segue, segurando Ella firme ao peito.

Estamos quase na entrada quando uma grande van branca para em cima da calçada na frente da loja. Vultos saem de trás do

veículo. Eu os reconheço, embora estejam vestindo roupas humanas escuras em vez da armadura que usavam em Lorien.

Mogadorianos.

— Corra! — grito. — Deve haver uma saída nos fundos da loja.

Crayton e eu saímos em disparada.

Emir está se desculpando, dizendo que já havia me descrito para “os monstros” e que não sabia que haveria um bebê. É interrompido no meio da frase por uma carga de energia que o atira no chão atrás do balcão principal.

— Indo a algum lugar, ralé loreana? — pergunta um imenso mog parado diante da porta dos fundos. Ele é careca, mas tem a cabeça completamente coberta por tatuagens parecidas com as que vi em um dos invasores na noite em que Lorien ficou em chamas.

O infeliz está com uma arma nas mãos.

Atiro nele pelo bolso do casaco, mas erro. As janelas atrás de nós se quebram e mais mogs entram na loja.

Saltamos para trás de um balcão de joias. Cacos de vidro caem sobre nós quando a prateleira de cima é espatifada por uma rajada de balas. Crayton se debruça sobre Ella, protegendo-a e berrando orações desesperadas em lórico. Espio pelo canto do móvel. Há seis mogs avançando em nossa direção, e um deles — o grandalhão tatuado — está bloqueando a saída dos fundos.

As nossas chances não são exatamente boas.

Atiro por cima do balcão. Os malditos saem do caminho e vão para trás de outros mostruários. Precisamos fazer alguma coisa — estamos em menor número, todas as nossas saídas estão bloqueadas e a única coisa que temos para nos proteger é um explosivo que eu mal sei como usar.

Na verdade, não é bem assim. Temos outra coisa.

Enfio a mão na bolsa e tiro uma das pequenas granadas que Raylan incluiu nos suprimentos. É um cilindro pequeno coberto de marcas que o identificam como uma bomba de choque híbrida eletromagnética de curto alcance — em outras palavras, não é uma arma precisa, mas deve bastar para derrubar a maior parte de nossos inimigos. Como nunca usei uma dessas, não tenho como ter

certeza de que vai funcionar. Crayton olha para mim e para a granada.

— Você não pode estar pensando... — começa ele, mas outro ataque dos mogs arranca pedaços de nossa barricada fajuta. Atiro de volta, identificando a posição de nossos adversários. O grandalhão se mexeu e está se aproximando rapidamente de nós.

Não temos tempo para discutir ou elaborar um plano. Vejo apenas uma forma de nós sairmos — de Ella sair — dali.

— É a nossa única chance — digo. — Corra para a saída dos fundos depois que eu detonar a granada. Eu cuido deles.

— E você? — pergunta ele.

— Eu encontro vocês no hotel.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, aciono o detonador da granada e a atiro por cima do mostruário de joias. Alguns bipes soam enquanto me atiro no chão, puxando Crayton e Ella para baixo comigo. Então, uma onda de força explode no centro da loja. Joias, vidros e pedaços do mostruário se chocam contra as paredes. As luzes se apagam. Os mogs gemem, e eu não consigo deixar de sorrir quando vejo um deles bater na parede e desintegrar.

Mas nem todos estão mortos. Alguns foram jogados para fora da loja e já estão se levantando quando olho. O mog grandalhão está estendido no chão, aparentemente inconsciente.

— Vá! — grito, empurrando Crayton.

Ele hesita por um instante antes de sair correndo na direção da porta dos fundos, com Ella nos braços. Tento atirar nos mogs do lado de fora, mas minha arma ficou sem energia devido ao pulso eletromagnético da explosão. *Merda.*

Felizmente, as armas dos mogs também não parecem estar funcionando.

Crayton está quase na porta dos fundos quando vejo o mog grandalhão se mexer. Alguma coisa brilhante voa pelo ar e atinge a panturrilha de Crayton. Ele cai de lado, ainda com Ella nos braços, com um grande caco de vidro preso à perna. O monstro atravessa o salão com alguns passos largos enquanto Crayton se esforça para se levantar. Ella começa a balbuciar. Crayton olha para mim e então para o mog gigante, agora a poucos passos dele. Percebo alguns

cálculos sendo feitos pelo seu olhar. Ele sabe que não conseguirá correr mais rápido do que o mog de jeito nenhum. Não agora.

Ele se encolhe e grita para mim.

— Pegue-a! Não deixe que eles a levem.

O corpo de Ella voa. Ela não chora. Na verdade, tenho a impressão de ouvi-la dando uma risada. Eu a pego com um braço e a aperto contra o peito, tentando protegê-la. Quando olho novamente, o mog grandalhão está levantando Crayton do chão, com a mão musculosa ao redor do pescoço dele. Os olhos pretos do monstro estão furiosos. A criatura tira uma pequena adaga do cinto e a recua, prestes a afundá-la no peito de Crayton.

— Não! — grito.

Mas é tarde demais.

Há um estouro, e o mog para. Os braços dele caem no chão. Mais um disparo, e o mog começa a desintegrar. Crayton cai no chão, arfando.

É só então que me dou conta de que Emir está de pé novamente, com uma ferida sangrando no ombro, recarregando o que acho que as pessoas na Terra chamam de revólver.

— Tire esta criança daqui — diz ele.

Os dois mogs restantes parecem ficar tão perplexos com a morte do líder que Emir tem tempo suficiente para fazer mais alguns disparos e pegá-los de surpresa. Eles se transformam em cinzas no instante em que Crayton levanta do chão e manca na minha direção. Emir balbucia em uma língua que não compreendo, balançando a cabeça em negativa. Os olhos dele vão e vêm entre as pilhas de cinzas, tentando entender o que aconteceu.

Ouçõ sirenes vindo de algum lugar na rua, e nós não podemos estar ali quando elas chegarem. Puxo Crayton e saímos correndo até a van que levou os mogs até nós. Entramos no veículo. Como o motor parece estar ligado, aciono diversas alavancas e aperto botões até a van se mover. Os controles não são muito diferentes dos de um trator que dirigi uma ou duas vezes no Kabarak. Crayton e eu mal falamos um com o outro enquanto tentamos nos acalmar. Carros buzina quando passo por eles, e às vezes freiam de forma ruidosa — provavelmente estou desrespeitando dezenas de leis de trânsito.

Mas continuo em frente. Por fim, paramos o veículo longe do hotel. Compro em um mercadinho um pouco de água, álcool e gaze, que Crayton usa para limpar a ferida da perna em um beco. Quando termina, entramos em um táxi para encontrar Zophie.

É só quando estamos atravessando Gizé que Ella começa a chorar e Crayton se vira para mim com o rosto contorcido de desespero.

— Não estamos seguros neste planeta.

É tudo o que ele diz.

CAPÍTULO DOZE

Zophie empalidece e começa a tremer quando contamos o que aconteceu. Decidimos partir. Imediatamente. Não nos sentimos mais seguros em Gizé. Felizmente, Zophie já arrumou a maior parte das nossas coisas por conta de nossa ida para os Estados Unidos. Os Chimæras diminuem de tamanho, e os levamos em nossas malas. Então, pegamos um táxi para o Cairo, uma cidade que não parece longe o bastante, embora seja grande e tenha milhões de pessoas, o tipo de lugar em que deve ser fácil desaparecer. Mas, sem passaportes, ainda não podemos deixar o país, o que limita consideravelmente nossas opções. Além do mais, precisaremos encontrar uma forma de conseguir nossos passaportes e ir embora daqui.

Os mogs estão na Terra. Eles estão em busca dos loreanos — bom, devem estar, se o colar de loralite foi o motivo pelo qual nos encontraram na joalheria.

Por quê? O que eles querem? Já tiraram nosso planeta de nós. O que mais poderíamos ter para lhes oferecer?

No Cairo, nos hospedamos em outro hotel. É parecido com o de Gizé, mas é diferente. *Tudo* parece diferente. A ilusão de segurança que este mundo nos oferecia foi destruída. Ninguém diz, mas eu sei o que todos estamos pensando: e se os mogs já chegaram a Janus e aos outros? E, se não, eles têm noção de que estão sendo caçados?

Enquanto Zophie e Crayton arrumam suas coisas em seus quartos, volto a focar meus esforços na busca de pistas dos Gardes e dos Cêpans, tentando encontrar na internet qualquer coisa que possa estar relacionada a eles. Agora, precisamos encontrá-los não apenas para reunir Janus e Zophie e obter respostas, mas também para alertá-los.

Mais tarde naquela noite, vou até o restaurante do hotel para jantar e relaxar um pouco. Encontro Crayton no bar, debruçado sobre um copo de líquido marrom.

— Você se importa? — pergunto, fazendo menção de me sentar ao lado dele. Ele faz que não com a cabeça.

— Ella? — pergunto. Ele não costuma deixá-la sozinha.

— Está com Zophie — diz ele. — Ela quis dar o jantar hoje, e eu não pude dizer não a uma noite que não terminasse comigo cheirando a purê de ervilha.

Faço que sim com a cabeça e peço uma comida para levar para o quarto. Ficamos sentados em silêncio até que eu finalmente me manifesto.

— Como está sua perna?

Ele dá de ombros.

— Vou sobreviver. Não acho que vá conseguir correr muito pelas próximas semanas, mas esta é a menor das minhas preocupações no momento.

Ficamos em silêncio novamente.

— Amanhã de manhã precisamos tirar nossas fotos — digo. — Para os passaportes. Todos nós... inclusive Ella.

Ele balança a cabeça, não em protesto, mas em desespero.

— Você ainda não está seguro de que deveríamos ir atrás desta pista da foto, não é? — pergunto.

— Acho que parece perigoso. — Ele olha fixamente para o bar por alguns segundos. — Sei que encontrar Janus e os outros sempre foi o plano, mas agora que estamos na Terra... — Ele faz uma careta e baixa o tom de voz. — Agora que estamos aqui, a ideia de viajar ao redor do mundo atrás deles parece loucura. Especialmente porque sabemos que os mogs estão aqui. E *procurando* por nós. Ou por loreanos de um modo geral. Ao irmos atrás dos Gardes, corremos o risco de irmos atrás dos mogs também.

— Você está preocupado com Ella — digo.

— Evidentemente. — Ele dá um sorriso fraco. — Tenho pensado muito sobre o que você me disse na nave. Sobre como eu faria e diria qualquer coisa para mantê-la em segurança. Não acho que eu tenha entendido o que você queria dizer até chegarmos aqui, onde

tudo é novo. Eu só quero ter certeza de que estou tomando as decisões certas. Como posso saber? Como os pais normais sabem?

Penso em Zane. Embora eu não fosse mãe dele, também era superprotetora. E olha aonde isso me levou.

— Acho que com o tempo você vai descobrir.

Ele assente, fazendo um sinal para o barman servir outro drinque.

— Tome cuidado — digo. — Não acho que as bebidas daqui sejam iguais às ampolas de casa.

Crayton dá uma risada, mas então fica sério de novo. Enfia a mão no bolso e me entrega uma chave.

— O que é isto? — pergunto.

— A chave do meu quarto. — Ele levanta o copo, sacudindo-o para a frente e para trás antes de virar o restante do conteúdo. — Apenas para o caso de eu estar dormindo tão profundamente de manhã que não consiga estar acordado e pronto para ser fotografado. Talvez uma de vocês precise me arrastar para fora da cama.

Minha comida chega, e dou boa noite a Crayton. Ele me abraça. Eu não estava esperando por aquilo, e fico ali parada, com uma das mãos presa ao lado do corpo e a outra segurando um pote de isopor. Eu me pergunto se ele não bebeu demais, ou se o gesto não passa de afeição provocada pelo fato de que chegamos perto demais de sermos capturados ou mortos pelos mogs mais cedo.

— Eu a protegerei — diz ele, baixinho. — Vai ficar tudo bem.

CAPÍTULO TREZE

Quando acordamos, Crayton e Ella desapareceram. Há uma carta em cima da cama dele, escrita no papel de carta do hotel.

Zophie e Lexa,

Não sou bom em despedidas, mas precisamos ir. O foco da minha vida agora é garantir a segurança de Ella, e eu sei que não posso fazer isso enquanto estiver viajando pelo mundo em busca de Janus e dos outros. É perigoso demais. Logo Ella vai estar falando, e, antes que eu me dê conta, terei que explicar tudo a ela. Não faço a menor ideia do que vou falar para ela a respeito de nosso planeta, mas sei que será mais fácil fazer isso se estivermos abrigados em algum lugar seguro, em algum lugar escondido. Talvez eu esteja mais disposto a encontrar o resto dos Gardes depois, mas, por ora, não posso ir aos Estados Unidos com vocês. Sei que vocês precisam fazer esta viagem, assim como eu preciso proteger Ella.

Vou levar Olivia conosco — Ella parece gostar de tê-la por perto, e um conjunto extra de olhos e garras pode me ser útil. Estou deixando com vocês os outros Chimæras. Me dói fazer isso, mas não posso viajar com um zoológico. Eles são animais gentis e tranquilos, e as protegerão.

Os mogs estão na Terra à nossa procura. São grandes as chances de estarem seguindo as mesmas pistas que vocês. Já restam tão poucos de nós. Por favor, tomem cuidado.

E, por favor, compreendam.

Crayton

Com a carta nas mãos, Zophie franze o cenho, confusa, mas tudo em que consigo pensar é na minha conversa com Crayton na noite anterior, nele me dando sua chave. Ele sabia que iria embora e não me disse nada. Apenas me abraçou. Se eu estivesse pensando com mais clareza, talvez percebesse o que estava acontecendo. Em vez disso, eu o deixei no bar e voltei para o meu quarto para continuar as buscas na internet.

Pego a carta da mão de Zophie, uma caixa de fósforos que estava na mesa e boto fogo na despedida de Crayton.

— O que você está fazendo? — pergunta Zophie.

— Não podemos deixar rastro algum — digo, indo até o banheiro e atirando o bilhete em chamas dentro do vaso sanitário.

— Como ele pôde...? — Ela balança a cabeça.

— Ele está fazendo o que acredita ser o melhor para ela — digo, absolutamente ciente de que minhas conversas anteriores com Crayton sobre o futuro de Ella podem tê-lo encorajado a fugir. — Ele é o guardião dela. É a decisão dele.

— Talvez ele não tenha saído há muito tempo. — Zophie dispara na direção da porta. — Talvez ainda consigamos alcançá-lo.

— Mesmo se o alcançássemos — digo —, o que iríamos fazer? Arrastaríamos Crayton até o outro lado do planeta contra a vontade?

Ela para e me encara por um tempo, com o rosto murchando.

Finalmente, sussurra:

— Aquele cretino nos abandonou.

— Sim — digo. — Mas não estamos sozinhas.



Seguimos em frente. Zophie nos compra passagens de avião. Fazer dois passaportes é muito mais barato do que quatro. Mando fazê-los com homens que também tentam me vender armas, mas não aceito, porque li o bastante sobre segurança em aeroportos para saber que teria muita dificuldade para entrar com elas em um avião. Em vez disso, reúno as armas de Raylan e deixo com o concierge na recepção do hotel, junto com várias notas grandes de dinheiro.

Quando estivermos instaladas nos Estados Unidos, ligarei para ele e pedirei que nos envie as armas lóricas.

Limpo nossos quartos, tomando cuidado para não deixar nada para trás. Então nos despedimos do Egito, nosso primeiro lar na Terra.

Levar os Chimæras para o outro lado do oceano é uma tarefa complicada, mas damos um jeito. Eles se transformam em minúsculos lagartos e insetos e se escondem em nossos bolsos e malas. É um pouco estranho, mas necessário, e assim que estamos trancadas no avião rudimentar, fico mais preocupada em não cair do céu do que com os Chimæras em meu casaco.

Usamos os passaportes falsificados e entramos no novo país. Trocamos nosso dinheiro e alugamos um SUV usando a carteira de motorista falsa que o pessoal dos passaportes criou para mim. Com os Chimæras no banco traseiro, partimos.

Demoro um pouco a me acostumar a dirigir o carro e a entender as regras de trânsito nos Estados Unidos. Motoristas de táxi gritam para mim enquanto troco de pista ou ando rápido ou devagar demais para o gosto deles. Mas, no final, consigo me sair bem. Zophie está ao lado me dando orientações, estudando um grande mapa do estado de Nova York aberto sobre o painel.

Chegamos à cidade de Newton Falls, em uma área conhecida como Adirondacks, logo depois do meio-dia. Foi dali que saiu o post que encontrei no fórum. Árvores verdes altas se estendem por ruas que por vezes se estreitam até pequenas pontes de madeira passando por cima de riachos. Ontem estávamos cercadas por deserto. A mudança de cenário poderia parecer drástica se não fosse pelo fato de que há não muito tempo estávamos em uma nave e, antes disso, em outro planeta.

Sugiro que encontremos um hotel para guardar nossas coisas e soltarmos os Chimæras, mas Zophie discorda.

— Já que chegamos — diz ela —, precisamos descobrir o que aquele homem sabe imediatamente.

Então, vamos em busca da cabana nos arredores da cidadezinha onde Eric Bird supostamente vive. Há uma caminhonete na entrada da garagem. Paramos atrás dela.

Bato três vezes antes de alguém finalmente abrir a porta e, mesmo assim, apenas um pouco. Mas consigo ver a forma do rosto de um homem pela escuridão da entrada.

— Oi — digo, com meu inglês cada vez melhor. — Estou procurando por...

— Vão embora. — A voz do homem é rouca e áspera. Ele tenta fechar a porta, mas ponho minha bota no caminho.

— Só quero fazer algumas perguntas. Sr. Bird?

— Eu não tenho nada a dizer.

O homem empurra a porta com mais força, quase esmagando meu pé. Estou prestes a gritar e possivelmente empurrar a porta quando Zophie dá um passo para a frente.

— Por favor — diz ela, os olhos suplicantes. — É sobre o meu irmão. Ele está desaparecido. Você é a nossa única pista.

A voz dela transborda desespero. Eric tira parte do peso do meu pé. Deixa a porta se abrir apenas o suficiente até a corrente se esticar.

— Eu não sei de nada — diz ele, um pouco mais calmo, mas não menos decidido.

— Você postou uma foto de uma espaçonave — digo. — Estamos procurando por ela.

Eric coloca a cabeça no espaço entre a porta e o batente. Finalmente consigo ver um pouco de seu rosto. Está com olheiras profundas ao redor dos olhos vermelhos. Tem uma barba ruiva desalinhada e o cabelo completamente desgrenhado, como se não visse água ou um pente há dias. Sua pele está amarelada.

— Eu já disse a eles tudo o que sei — diz ele. — Eu vi a nave. Tirei uma foto. Parecia estar indo para as montanhas, mas eu não a segui. O que mais vocês querem de mim?

— Quem? — pergunto.

— Como assim?

— Você contou tudo a *quem*?

Eu me inclino um pouco para a frente, e ele recua.

— O homem que veio — diz Eric, com a voz um pouco trêmula. — Era um gigante. Tinha os olhos muito pretos. Como os de um demônio.

Cerro os punhos.

— Ele tinha tatuagens na cabeça? — pergunto, pensando nos outros mogs gigantes que vi.

Eric assente, agora tremendo da cabeça aos pés.

— Como você sabe?

Zophie solta um gemido ao meu lado enquanto sinto o estômago se revirar.

CAPÍTULO QUATORZE

Os mogadorianos também estão atrás de Janus. Há quanto tempo será que eles estão na Terra? Esses monstros que aniquilaram o nosso planeta estão muitos passos a nossa frente. Será que já localizaram não apenas Janus, mas os Gardes e os Cêpans também? Se sim, por quê? Com que propósito?

Mais perguntas que não conseguimos responder. Mais informações que não temos.

Zophie está arrasada. Vejo a tristeza em seus olhos. Todas as suas esperanças estavam depositadas no fato de que encontraríamos Janus com facilidade depois que chegássemos a este país, ainda que isso fosse de um otimismo quase cego. Depois da notícia sobre a visita dos mogs, parece que a qualquer momento ela vai começar a chorar. Chego a me perguntar se Crayton não estava certo desde o início: talvez fosse melhor se nos escondêssemos em vez de procurar pelos outros. Mas digo a mim mesma que fizemos a coisa certa. Temos uma ideia mais concreta do que está acontecendo na Terra agora. Precisamos seguir em frente. Precisamos ser mais espertas do que os mogadorianos e encontrar os demais, mantendo a fé de que eles estão em algum lugar, livres.

Faço o melhor para nos manter em movimento. No dia seguinte à nossa conversa com Eric Bird, encontro uma cabana a cinquenta quilômetros de distância, na direção das montanhas para as quais ele disse que a nave havia seguido. Nós a alugamos e nos instalamos.

Compro mais equipamentos de computação e uma peruca barata de segunda mão que consigo numa cidadezinha próxima com alguém que não pede identidade nem assinatura, apenas me entrega as chaves. Peço que as armas que estavam no Egito sejam

enviadas a uma agência dos correios a duas cidades de distância. Nossa cabana tem poucos cômodos, com móveis de madeira feitos à mão. Monto um escritório em um quarto vazio e conecto câmeras e alarmes por toda a parte externa, caso algum curioso apareça. Os Chimæras dividem o tempo entre fazer a guarda do entorno e se aninhar em uma garagem no quintal. Por um tempo, acordamos cedo todas as manhãs e os levamos até as montanhas, à procura da nave. Zophie nos faz ficar fora por mais tempo do que deveríamos, até a noite cair e ela estar tão exausta que mal consegue ficar de pé.

Não temos sorte. Começa a esfriar. Voltamos para o mundo das buscas na internet que me é familiar, mas que ainda é uma novidade para Zophie. Resistimos.

Depois de um mês na cabana, encontro Zophie na sala de estar, debruçada sobre o pequeno laptop que comprei para ela. Ela passa a maior parte do tempo livre na frente dele, clicando aleatoriamente em sites e notícias, tentando encontrar qualquer coisa que possa estar relacionada aos loreanos. Eu a avisei um milhão de vezes para tomar cuidado, para não compartilhar informações pessoais com ninguém nem mencionar qualquer coisa diretamente relacionada a Lorien. Como ela se atém basicamente a sites de notícias, eu não me preocupo muito. Além disso, eu bloqueei o endereço de IP e a localização do computador.

— Lexa — diz ela —, encontrei alguns textos que parecem promissores. Será que pode dar uma olhada? Um deles é de um cara de Vermont que jura que uma menina fez o carro dele levitar depois que ele gritou para ela sair de seu gramado. Isso não parece...

— É do *Diário de Notícias Ocultas*? — pergunto.

— Bom, é, mas isso não quer dizer...

— Eu chequei esta pista ontem à noite. No último ano, o mesmo homem também relatou que a cidade dele estava infestada de criaturas que precisavam do sangue de virgens para sobreviver, que um restaurante estava servindo carne humana e que o governo de outro país estava preparando um antigo dragão para ser usado como arma de guerra. E essas não são nem as coisas mais malucas.

— Ah — diz Zophie, desanimada.

Os olhos dela se enchem de lágrimas, e eu me sinto péssima. Verdades difíceis sempre funcionavam quando eu conversava com Crayton — eram o único tipo de conselho que eu me sentia qualificada a dar. Mas eu não sei como conversar com Zophie agora que ela está tão frágil. Sinto empatia, mas não sei o que fazer para consertar as coisas. Como *consertá-la*. Eu conhecia seu irmão apenas de nome e reputação. Para mim, ele é o meio para um fim — uma maneira de obter respostas para todas as minhas perguntas e descobrir por que tudo isso aconteceu. Às vezes esqueço que, para Zophie, ele é tudo.

— Me desculpe — digo, baixinho. — Vou olhar de novo. Talvez eu consiga ler os registros policiais da região. Vale outra tentativa.

— Não — diz ela, balançando a cabeça. — Não se incomode. Os mogadorianos estão rastreando esse tipo de coisa também, certo? Eles provavelmente já torturaram o homem e obtiveram todas as informações que ele tinha. Ou uma confissão de que ele inventou tudo. — Ela passa os dedos pelo cabelo, puxando-o para trás. — Onde você está, Janus? Onde você está?

Fico ali parada, constrangida, sem saber o que fazer ou dizer. Um dos Chimæras assumiu a forma de um gato e está roçando na perna de Zophie, tentando reconfortá-la. Ela olha para mim.

— Você acha... — começa ela. — Você acha que os mogs estão com ele?

— Não — digo. — Tenho certeza de que não estão.

E ela está desesperada o suficiente para acreditar em mim, embora saiba que eu não tenho qualquer prova disso.

Me dói vê-la assim, tão perdida e indefesa. Se não fosse por ela, eu teria morrido em Lorien. Teria sido morta pelos mogadorianos. Então, estou em dívida com ela.

Preciso encontrar os outros. Custe o que custar.

Deixo Zophie na sala de estar e volto para o escritório. Tenho sido extremamente cuidadosa quando se trata de obter informações na internet. Não digitei uma vez sequer a palavra “Lorien” nas ferramentas de busca, com medo de que isso chamasse a atenção dos mogs, com medo de que, apesar de todos os meus esforços e

de todas as proteções digitais, eles pudessem usar algo assim para nos encontrar. Mas não podemos continuar vivendo dessa maneira, esperando que um dos Gardes faça alguma bobagem e apareça nos sites de notícia por ter usado um Legado em público.

Estamos perdidas, sem opções, e Zophie precisa de um motivo para ter esperança de novo. Nós duas precisamos.

Então, uso uma abordagem mais direta na busca.

Crio uma conta em um fórum especialmente movimentado sobre encontros alienígenas. Meu endereço de IP é criptografado. Meu sinal de localização é refletido por uma dezena de satélites. Vai ser impossível me rastrear. Um fantasma.

Mordo o lábio e olho fixamente para a tela, digitando algumas palavras. Finalmente, clico em ENVIAR.

O post é publicado, escrito em nossa língua nativa:

Onde você está?

É um tiro no escuro, mas se por algum motivo Janus ou os outros loreanos, ou talvez até mesmo o contato que, segundo Zophie, eles encontrariam no planeta, virem esta mensagem, reconhecerão que há mais de nós aqui. Que não estão sozinhos neste planeta. Que estamos procurando por eles.

Agora não há nada a fazer além de esperar. Abro meu e-mail e encontro uma dúzia de matérias que Zophie encaminhou para mim. Dou uma olhada nelas, identificando os furos evidentes que ela está deixando passar ou se recusando a identificar. Visões de aeronaves que na realidade não combinam com descrições de quaisquer das naves loreanas. O menino adolescente que alega ter poderes telecinéticos, mas que é figurinha fácil na internet desde muito antes de Lorien ser destruído.

— Lex! — grita Zophie da sala. — Olhe o que acabei de mandar para você! Acho que pode ser isso!

Abro o último e-mail dela. Relatos de dois meios de comunicação diferentes de Montreal sobre uma pequena gangue de homens com tatuagens na cabeça que supostamente foram vistos perseguindo

um menino em um bosque nos arredores da cidade, mas nem os homens nem o menino foram encontrados.

Agora, sim. Isso parece muito mais promissor. E potencialmente desfavorável.

Estou prestes a dizer a Zophie que ela pode ter acabado de encontrar nossa primeira pista real desde Eric Bird quando meu computador apita novamente. Desta vez, recebo a notificação de um comentário feito no meu post no fórum.

A resposta está escrita em lóricó.

Anônimo: Eu estou aqui.

CAPÍTULO QUINZE

Meus dedos pairam sobre o teclado, sem saber como prosseguir a conversa. Preciso tomar cuidado: se os mogs encontraram Eric Bird, é perfeitamente possível que estejam observando este fórum também.

Tento responder com destreza, ainda na nossa língua:

Quem é você?

Enquanto espero pela réplica, tento rastrear os dados do usuário, mas ele parece estar totalmente bloqueado. Ou está criptografado e oculto muito além do meu alcance. Espero que isso signifique que um dos loreanos da nave de Janus é um prodígio tecnológico.

Recebo uma resposta:

Anônimo: Um amigo.

Você é de Lorien?

Anônimo: Sim.

De onde?

Anônimo: Da capital.

Quando veio para a Terra?

Anônimo: Você faz perguntas demais.

Preciso tomar cuidado.

Anônimo: Eu também.

Meu coração está disparado, parece que vai explodir. Quebro a cabeça tentando pensar em uma maneira de provar que essa pessoa não é uma ameaça. As respostas estão vindo mais rápido agora, e eu quero manter a nossa interação.

Eu preciso saber — eu *tenho que* saber — se estou conversando com alguém da outra nave.

Eu me concentro.

Sinto saudades de casa. Das torres vermelhas de Elkin.

Anônimo: Eu também.

As torres de Elkin eram verdes. Antes de os mogs as destruírem.

Sinto o rosto queimando, e meu coração parece que vai sair pela boca. Não é um dos Cêpans ou Gardes — certamente não é Janus. Não é ninguém que tenha qualquer conhecimento da cultura lórica.

Mas é alguém que sabe a nossa língua.

Continuo pressionando, apegando-me à possibilidade remota de que essa pessoa talvez seja um aliado. Talvez seja um embaixador loreano, alguém que tenhamos enviado para este planeta há muito tempo. Preciso saber mais.

Estou aqui como um dos enviados de Lore. E você?

Anônimo: Sim, um enviado de Lore.

Não existe isso.

Tem notícias do nosso lar? Não recebo uma mensagem há quase dois anos.

Anônimo: Tenho novas ordens, mas não posso dividi-las aqui. Onde você está?

É uma armadilha.

Minha mente volta à destruição do Parque Eilon, quando choveu fogo. Lembro da mulher que os mogs assassinaram na minha frente, de todos os sons, todas as imagens e todos os cheiros terríveis daquela noite em que eu venho tentando *não* pensar.

Digito cada palavra com uma raiva silenciosa e intempestiva.

Morra, lixo mogadoriano.

Desta vez, não recebo uma resposta imediata. Apenas fico sentada olhando fixamente para a tela pelo que parece ser um longo tempo, esperando minha respiração voltar ao normal. Imagino que nossa pequena conversa tenha terminado quando chega uma nova mensagem.

Anônimo: Vamos tentar de outra maneira.

Antes que eu consiga formular uma pergunta coerente, uma nova mensagem aparece. Há um arquivo anexado — um vídeo MPEG.

Minhas mãos estão tremendo de incerteza, mas, de alguma forma, consigo me acalmar. Baixo o vídeo em uma pasta segura — isolada do resto do meu disco rígido — e faço todos os testes possíveis e imagináveis. O arquivo parece limpo. Sem vírus. Sem linhas de código clandestinas. Um simples vídeo.

Olho por cima do ombro. Zophie ainda está na sala. Penso em chamá-la, mas, sem saber o que estou prestes a ver, decido esperar. Em vez disso, fecho a porta silenciosamente e me recosto na cadeira, colocando os fones de ouvido.

Então dou play no vídeo.

A primeira imagem que aparece me enche de alívio. Não consigo evitar: ver Janus depois de tanto tempo procurando por ele me

enche de alegria. Esse sentimento desaparece assim que me lembro de quem mandou o vídeo e me dou conta do quanto ele parece terrível. Há muitos ferimentos ao redor dos olhos verdes de Janus. O cabelo ruivo — do mesmo tom do da irmã — está raspado em alguns lugares, aparentemente de maneira aleatória. Ele está sem camisa, esquelético, amarrado a uma cadeira. Está com faixas azuis ao redor dos braços e do pescoço com fios que os ligam a algo que não aparece na imagem.

Estou horrorizada, cobrindo a boca com uma das mãos, tentando não gritar.

Ouçõ uma voz áspera vinda de fora do quadro.

— Fale com a sua espécie — diz a voz em um lóricõ cheio de sotaque.

Janus estremece. Então começa a falar.

— Eu... eu sinto muito — diz ele. A voz está fraca e trêmula. — Tentei esconder nossa nave. Fiquei nas montanhas por um tempo. Achei que havia tomado cuidado... — Ele olha fixamente para a câmara. Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eles destruíram nosso planeta e, quando me encontraram... As coisas que fizeram comigo... Peço perdõõ, mas não consegui ficar de boca fechada. Conteí tudo a eles. Tudo o que sei sobre as crianças Gardes. Sinto muito... — De repente, seus olhos assumem uma expressão feroz. Suas narinas se alargam quando ele vira para alguém fora do quadro e grita: — A esta altura, eles estão espalhados por todos os cantos deste mundo. Vocês nunca os encontrarãõ! E logo eles utilizarãõ os poderes de nossos Anciões e destruirãõ todos...

Algum tipo de choque o atinge. Depois de um tempo, ele para de gritar. Em seguida, para de respirar. O vídeo termina.

Cerro os punhos. Antes que eu me dê conta, estou de pé, a cadeira derrubada atrás de mim, e estou correndo pelo escritório, atirando longe cada porta-retratos e vaso com que o proprietário decorou meu quarto alugado.

Ouçõ uma batida na porta.

— Lexa? — pergunta Zophie.

Fecho o arquivo. Quero apagá-lo do meu disco rígido e da minha memória, mas só dá tempo de abrir o site de notícias de Montreal

que Zophie havia me mandando.

— Está tudo bem? — pergunta ela.

— Está, sim — minto. — Eu só estava...

Não consigo dizer nada. Olho para ela. Desde a queda dos primeiros mísseis em Lorien, tudo o que ela fez foi com o objetivo de se reencontrar com o irmão. Mas ele está morto. Os mogs o mataram, assim como mataram nosso planeta e nosso povo. Olho para Zophie e me pergunto como ela vai lidar com essa notícia. Sei que jamais poderei mostrar o vídeo a ela. Mas como encontrarei as palavras para lhe explicar o que acabou de acontecer? Como vou lidar com as consequências dessa informação?

Porque Janus ter sido capturado significa que nós fracassamos. *Eu* fracassei. Não conseguimos salvá-lo, o que significa que poderemos perder os outros Gardes também. Assim como perdemos Zane.

— O que foi? — pergunta Zophie. — Lexa, você está me assustando um pouco.

Houve apenas uma janelinha de esperança depois que me contaram sobre Zane: quando eu estava voando pelos céus de Lorien, procurando por ele, em busca de provas de que a ADL havia cometido algum erro. Mas então eles o encontraram nos destroços. Ele estava morto. Eu não podia fingir que havia a possibilidade de ele voltar. Ele estava ali em um instante e depois não estava mais.

Mas Zophie ainda tem fé. E, sabendo disso, tomo uma decisão com a qual espero poder conviver.

Eu a deixo continuar sonhando.

— Nada — digo. — Não é nada. Eu só estava me sentindo um pouco claustrofóbica e impotente.

Ela dá um sorriso triste, que me atinge no peito como uma adaga. Não consigo olhar para ela.

— Mas acho que devemos investigar o caso de Montreal que você me mandou — continuo. — Fica a poucas horas de carro daqui. Talvez eu vá até lá amanhã.

Ela parece empolgada. É a primeira vez que a vejo assim desde que falamos com Eric.

— O ar fresco vai fazer bem para a gente — diz ela, e eu tento não fazer uma careta ao ouvir as palavras "gente", porque não posso

ficar sentada ao lado dela em um carro sabendo o que sei.

— Você parece estressada — continua ela. — Vou fazer um chá para a gente.

Ela sai. Eu me dou conta de que ainda estou com os punhos cerrados, os dedos doloridos. Eu os estico e me sento novamente à frente do computador, clicando mais uma vez no fórum.

Há mais uma mensagem do Anônimo. De um mog.

Anônimo: Ele não é o único que temos. Há muitos mais. Loreanos e humanos. Colabore conosco e poderá salvá-los. Entregue-se, e eles não terão o mesmo destino deste.

Cerro o maxilar. O mog pode estar mentindo. Pela forma como Janus falou, parecia que eles não haviam capturado todos os passageiros de sua nave.

Mesmo que esse infeliz esteja dizendo a verdade, não há como os mogadorianos jamais soltarem seus prisioneiros. Não depois do que fizeram com Janus. Não depois de eles terem assassinado nossa gente e arrasado nossas cidades.

Cada grama de raiva que eu sentia em relação aos Anciões ou a qualquer outra injustiça de Lorien parece ínfima quando comparada ao ódio dos mogadorianos que agora cresce dentro de mim. E eu finalmente me dou conta de que eles também são culpados pela morte de Zane. Os Anciões faziam os Gardes treinarem como soldados, sim. Mas apenas porque eles sabiam que havia uma ameaça no horizonte. Que a profecia era verdadeira.

Se não fosse pelos malditos mogs, poderíamos ter vivido nossas vidas em paz. Não teria havido motivo para um treinamento tão severo.

Zane poderia ter vivido para ver seu décimo quarto aniversário.

Digito mais uma mensagem antes de apagar meu perfil e meu post, os dedos batendo com força no teclado:

Eu vou destruir você.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Evito Zophie pelo resto da noite, tentando mais uma vez descobrir de onde veio o vídeo. Mas os rastros dos mogs foram muito bem cobertos. Não há o que seguir. Sou boa, mas nosso inimigo parece ser melhor. Então, faço a única coisa que me resta: assisto ao vídeo de Janus várias vezes, frame por frame, tentando encontrar alguma pista que me indique onde os mogs estavam quando fizeram a filmagem. Mas só vejo um lugar feito de tijolos. Poderia ser qualquer lugar.

Eu mal durmo. Quando durmo, é um sono intranquilo. Acordo com o sol e traço minha rota até Montreal.

Preciso sair desta cabana. Preciso de tempo para pensar em como vou dar a notícia a Zophie. Como escolher as palavras que sabemos que destruirão alguém? Não faço ideia. O que sei é que não posso passar o dia com ela — não posso passar nenhum tempo com ela —, porque saber o que sei e ver o brilho de esperança ainda vivo dentro de Zophie é uma tortura. Penso em deixar que ela vá para Montreal no meu lugar, mas aquela é uma boa pista. Pode muito bem haver mogs andando por aí, e embora eu não seja um soldado, provavelmente tenho mais treinamento de luta do que ela. Não posso mandá-la ao encontro do mal.

Então, decido ir sozinha.

Tento sair às escondidas, já pensando em uma desculpa para dar a ela mais tarde — “queria deixar você dormir e surpreendê-la se houvesse alguma novidade!” —, mas Zophie sai do quarto exatamente quando estou a caminho da porta.

— Lex, o que você está... — começa ela, os olhos ainda pesados de sono.

— Eu só queria pegar a estrada cedo — digo.

— Achei que iríamos juntas. Se há qualquer coisa que possa nos levar até Janus ou aos outros...

— Não — interrompo, áspera. Ela parece surpresa. Dou um suspiro e tento pensar em uma desculpa razoável. — Quer dizer... eu quero fazer isso sozinha. Estou muito feliz que estejamos juntas nessa, mas... estou muito mais acostumada a fazer as coisas do meu jeito. Era como eu vivia em Lorien. Eu só preciso de um pouco de espaço.

Tenho plena consciência de que esse argumento não faz o menor sentido, considerando-se que passei a maior parte dos últimos dois anos em uma nave minúscula com duas outras pessoas e um bebê. Então, continuo falando.

— Vai levar apenas algumas horas. Estarei de volta antes de escurecer, a menos que descubra alguma coisa.

Ela fica em silêncio por alguns segundos.

— Então vou preparar o jantar — diz. E me entrega um dos telefones pré-pagos que comprei para usarmos. — Ligue para mim assim que chegar lá. E caso descubra alguma coisa. Me mantenha informada, está bem? Vou ficar aqui à procura de mais pistas.

— Ótimo — digo.

Antes que eu abra a porta, ela dá um passo em minha direção e me abraça.

— Obrigada por ir conferir essa pista — diz ela, baixinho. — Nós vamos encontrá-lo.

Espero que ela não perceba que estou tensa, nem que não consigo olhar em seus olhos quando ela se afasta de mim.

— Tome cuidado — diz ela.

— Nos vemos daqui a pouco — digo, por cima do ombro.

Dentro do carro, coloco a mochila que contém meu laptop incrementado e algumas das armas de Raylan no banco do passageiro. Zophie acena para mim da varanda, e então eu pego a estrada.

O caminho é cênico. Pacífico, até. As folhas estão ganhando tons brilhantes de laranja e vermelho. Eu apreciaria a paisagem se pudesse ao menos tirar Janus e Zophie da cabeça. Toda vez que penso nela esperando em casa, ainda acreditando que o irmão está

por aí, sinto meu estômago revirar. Começo a me perguntar se tomei a decisão certa — se saber que algo horrível aconteceu com Janus não é melhor do que não saber onde ele está ou sequer se ele está vivo. Um dia ela vai ter que descobrir a verdade, ou vai enlouquecer.

Quando voltar, vou contar a ela. Talvez não exatamente a verdade, mas vou dizer que Janus morreu. Só preciso descobrir como.

Mais ou menos uma hora depois, atravesso a fronteira canadense e pego o telefone para falar com Zophie, mas não tenho sinal. Só então me dou conta de que o aparelho pré-pago só funciona nos Estados Unidos. Estudo o mapa — estou a apenas meia hora de Montreal. Decido seguir em frente.

Em um posto de gasolina fora da cidade, compro um cartão telefônico e procuro um orelhão. Ligo para a linha fixa da cabana, mas recebo um bipe rápido e repetitivo como resposta — o tipo de barulho que ouvi apenas uma vez antes, quando seguia uma pista em potencial e telefonei para um número que estava desligado. Tento mais uma vez e ouço o mesmo som.

Quando Zophie não atende o outro pré-pago, começo a entrar em pânico. Tento mais duas vezes e nada. Digo a mim mesma que ela só foi ao mercado ou deixou o telefone fora do gancho sem querer — qualquer razão que explique por que ela não está me atendendo.

Ainda no telefone público, ligo para o meu pré-pago para conferir a caixa de mensagens remotamente. Há uma mensagem. E é claro que é dela, deixada uma hora atrás.

“Lexa!”, grita ela. “Lexa, você precisa voltar agora! Assim que ouvir esta mensagem.” Ela está muito *empolgada*. “Encontrei um fórum com gente se autoproclamando ‘Saudadores’ e dizendo que foram recrutados por um Ancião. Postei nele anonimamente, e alguém já entrou em contato comigo. Sei que você disse para eu tomar cuidado com esse tipo de coisa, mas eu simplesmente não consegui me conter. Além disso, eu o fiz provar que é um de nós. Ele sabe sobre Loidas e os Gardes. Ele estava na outra nave. É um dos Cêpans.”

Meu coração dispara.

“Perguntei à pessoa qual era o nome do piloto. Ele disse ‘Janus’. Ele sabia tudo sobre o meu irmão.”

Há uma pausa na mensagem. Zophie está soluçando, lutando contra as lágrimas.

“Lexa”, diz ela. “Ele disse que Janus está com eles. Meu irmão está a caminho daqui. Vai ficar tudo bem.”

Eu me desespero, e, antes que me dê conta, estou de volta ao carro com o laptop aberto na minha frente, conectado a um link de satélite. Não é tarde demais. Eu ainda posso entrar em contato com ela. Se ela estiver no computador, eu posso mandar uma mensagem...

Abro as imagens de vigilância em tempo real da cabana no meu laptop e fico sem ar. Há dezenas de mogs em nosso gramado. Eles lutam com os Chimæras, que avançam nos intrusos. Mas os animais estão sendo vencidos — há feras horrendas e furiosas junto com os mogadorianos, e elas dilaceram os Chimæras com uma ferocidade apavorante. Alguns de nossos animais já estão sendo colocados em sacos e carregados em um caminhão. Alguns caem e não se levantam.

No meio de tudo está Zophie. Grito várias coisas que ela não consegue ouvir. Digo para correr. Digo para lutar. Peço desculpas. Ela luta bravamente ao lado dos Chimæras, soltando-se das garras de um mogadoriano, sendo agarrada por outro logo depois. Está com alguma espécie de ferramenta na mão, que agita na direção deles. Um martelo ou uma chave inglesa, é difícil dizer. Deve ter sido pega desprevenida, sem uma arma de verdade. Assisto horrorizada quando ela finalmente escapa, correndo na direção da varanda e da porta da casa. Há disparos, que não a acertam, criando buracos enfumaçados na parede de madeira da cabana.

Ela é interceptada por uma das feras mogs do tamanho da nossa perua — cheia de chifres e dentes, correndo na direção dela. A fera a pega com a mandíbula, mas Zophie ainda não desistiu de lutar. Ela lança a ferramenta que tem na mão diretamente no olho do monstro. A fera urra de dor e a solta, e eu percebo que subestimei completamente sua força.

Mas ainda não acabou.

A fera mog solta um rugido e se vira para Zophie. O chifre da criatura perfura seu corpo. Ela cambaleia na direção da porta da frente, o ponto na barriga onde a criatura a atingiu aumentando e escurecendo. E então ela cai. Alguns dos Chimæras a cercam, transformando-se em monstros cheios de dentes para protegê-la. Mas eles não podem ajudá-la agora.

Passam-se alguns segundos. O peito dela para de se mexer.

Ela se junta ao irmão.

Os Chimæras devem saber disso, porque a deixam ali, tentando salvar a si próprios. Mas não adianta. Eles estão derrotados. Capturados. Os mogs parecem furiosos com a criatura com chifres — a que acabou de assassinar minha amiga — e começam a bater nela. Chamas começam a consumir as laterais da cabana. A artilharia intensa deve ter incendiado alguma coisa.

Logo depois, o vídeo é cortado.

Começo a tremer. Primeiro de leve, e então com violência. Pela primeira vez desde que consigo me lembrar, lágrimas escorrem pelo meu rosto em um rio quente e molhado. Não consigo pará-las. Meu nariz começa a escorrer e quando abro a boca para respirar, sai um som que não é lórico — é animal.

Dou a partida no carro, pronta para sair em disparada pela estrada, para voar de volta à cabana.

Mas não faria sentido. Zophie está morta. Os Chimæras também não estarão lá quando eu chegar. A cabana está pegando fogo e provavelmente ainda está sendo vigiada pelos mogs.

Eu não posso lutar contra aqueles mogadorianos cretinos e vencer. Não no corpo a corpo, ou frente a frente. Não quando há tantos deles.

O barulho sai de novo da minha boca, cru e cheio de raiva.

E então me pego dirigindo, o mais rápido que posso. Cai a noite, e eu continuo, sem destino, sem saber aonde ir, até o carro ficar sem combustível no acostamento da estrada. Então saio do veículo e começo a correr. Não há ninguém para me encontrar desta vez. Não há nenhum esquadrão da ADL rastreando a aeronave que eu roubei para me levar para casa. Sou só eu. Corro até estar tão exausta que tenho a impressão de não ser capaz de dar mais um passo sequer.

E então continuo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Duas semanas depois de os mogadorianos matarem Zophie, uma história aparentemente sem relação com Lorien é publicada num blog. É um relato curto de um incidente no Aeroporto Internacional da Filadélfia. Um homem se recusou a deixar uma bagagem de mão passar pelo scanner do aeroporto. Ele e seu acompanhante, um menininho, estavam com viagem marcada para a África. Há uma foto dos dois, o homem mais velho e irritado, o menino com quatro, talvez cinco anos, cheio de sardas. O homem segura um lado de um baú coberto de símbolos lóricos. Um membro da segurança do hospital segura o outro lado. Não sei quem são eles, mas tenho quase certeza de que são uma das duplas de Garde e Cêpan. Quero invadir a foto e sacudir o velho por ser tão estúpido, mas, infelizmente, não tenho esse Legado. Apenas espero que ele aprenda. Que ele se saia melhor no futuro.

Por garantia, destruo todas as linhas de código do blog e sobrecarrego o servidor de hospedagem do site. Então, durante um almoço em uma lanchonete na Carolina do Sul, rastreio o endereço de e-mail da autora e fotógrafa e envio a ela uma mensagem contendo um vírus disfarçado de um recado de um fã do blog. Quando estou terminando a sobremesa, ela já baixou meu vírus, que rapidamente destrói seu disco rígido. Pago a conta e vou embora, continuando a vagar sem destino.

Zane está morto. Zophie também. E Janus.

Estou sozinha de novo, exatamente como estava em Lorien.

Bem, não tecnicamente, imagino. Supondo que os outros Gardes e Cêpans tenham sobrevivido e que Ella e Crayton ainda estejam escondidos, há vinte outros loreanos de que tenho conhecimento na Terra.

Penso em voltar para o Egito, para tentar encontrar Crayton e Ella. Mas eles devem estar muito longe de lá a essa altura. E, mesmo que eu os encontrasse, e se levasse os mogs até eles sem querer? E se, de alguma maneira, a minha presença estragasse tudo?

Eu me saio melhor sozinha, de qualquer maneira. Sentada diante de uma tela de computador. Compilando informações. Montando coisas.

Quando penso no que aconteceu com Zophie, preciso me controlar para não vomitar. Culpo a mim mesma. Eu deveria ter sido sincera com ela sobre Janus assim que soube que ele estava morto. Percebo isso agora, mas não há nada que eu possa fazer. Ela está morta.

Meu sangue ferve de raiva quando penso nos mogadorianos. Ainda não sei bem por que os Anciões escolheram enviar um número tão pequeno de nosso povo para a Terra, mas sei que devem ser pessoas importantes. Por que outro motivo os mogs estariam aqui, indo atrás delas? Janus disse que elas haviam se espalhado. Não sei se era verdade ou apenas uma última mentira que ele contou a seus captores, mas seguir caminhos separados faria mais sentido. A foto da dupla a caminho da África parece corroborar o que ele disse.

O que Zophie e eu estávamos tentando fazer — encontrar nossa gente — era perigoso para todo mundo. Para os loreanos restantes. Vejo isso agora. É melhor que eles fiquem escondidos. Pelo menos até os Gardes estarem fortes o bastante para lutar.

Mas eu ainda posso ajudar e, assim, prejudicar os mogs. De longe. Porque quanto mais perto chego das pessoas, mais elas tendem a se machucar. E eu não posso enfrentar a perda de mais alguém. Não tenho mais condições de lidar com isso.

O que eu *posso* fazer é trabalhar nos bastidores. Posso ser um fantasma. Anônimo. O fantasma na máquina. Exatamente como fiz com o blog — posso cuidar do meu povo no mundo digital. Cobrir seus rastros sempre que puder. Ajudar a garantir que a missão deles, qualquer que seja ela, seja realizada. Encontrar quaisquer

informações que possam ajudá-los no caminho. Aprender sobre as tecnologias deste planeta até conseguir controlá-las por completo.

Posso tentar proteger minha gente.

Talvez eu não seja um fantasma. Talvez eu seja outra coisa. Algo mais parecido com uma guardiã.

Posso reunir recursos para quando chegar o dia em que eles estiverem prontos para enfrentar os mogs. Há muitas armas potentes e perigosas na Terra. E algumas de fora deste mundo também. Ainda existe uma nave lórica capaz de voar. A nave de Janus. Talvez os mogs estejam com ela. Talvez ela ainda esteja escondida em algum lugar.

Eu me pergunto se seria muito difícil encontrá-la.

SOBRE O AUTOR

© Howard Huang



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos Iorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

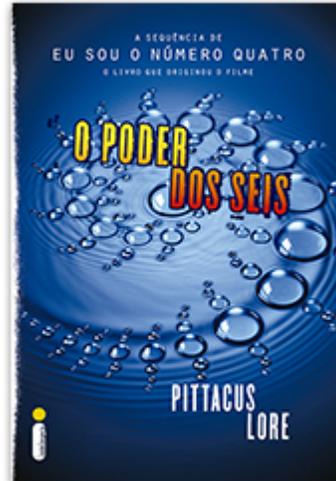
www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

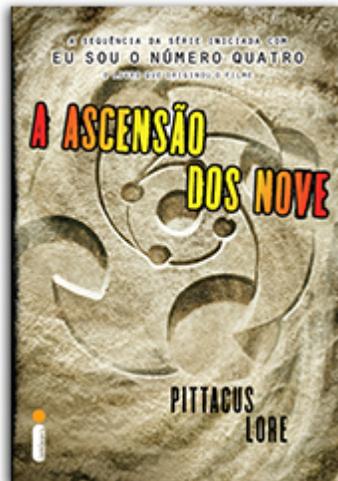
OS LEGADOS  DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



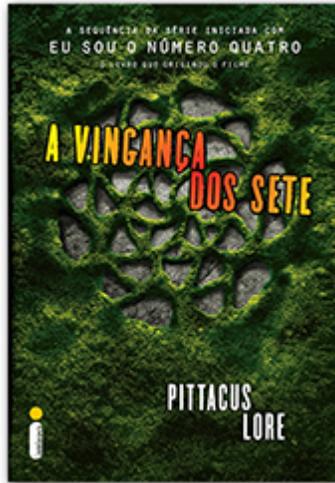
O poder dos seis



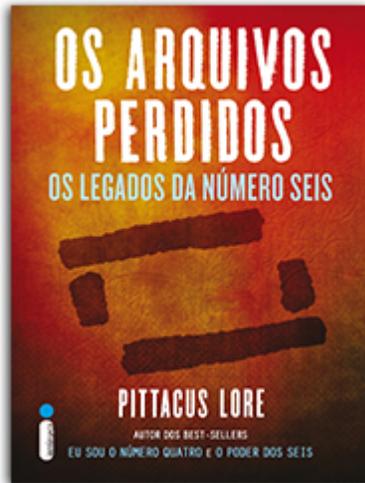
A ascensão dos nove



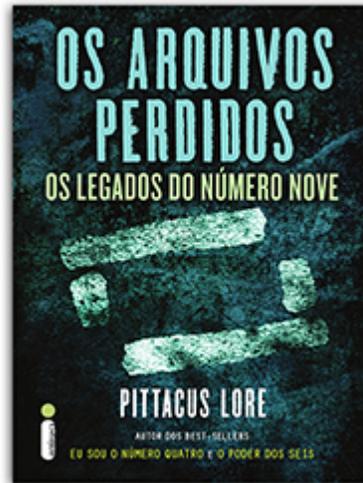
A queda dos cinco



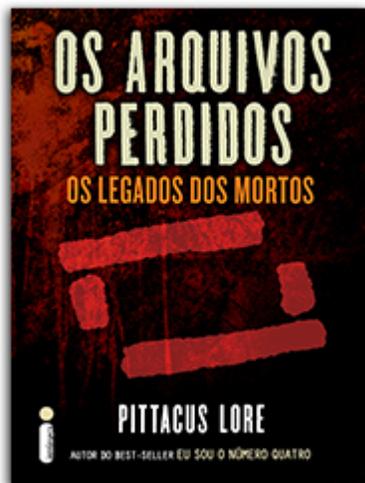
A vingança dos sete



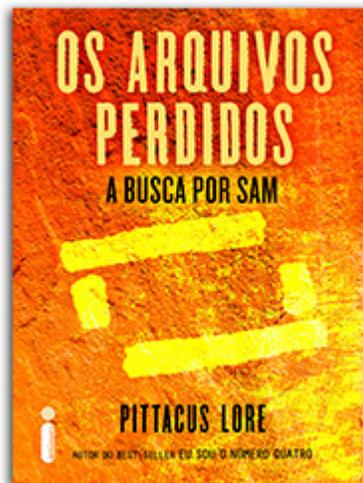
*Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis*



*Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove*



*Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos*



*Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam*



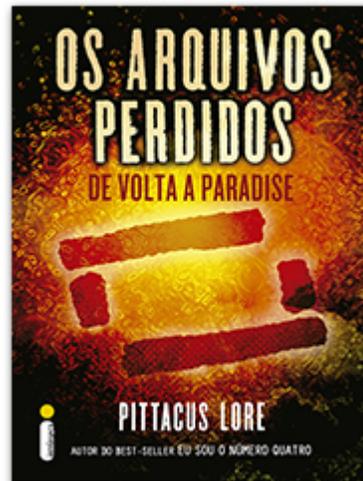
*Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien*



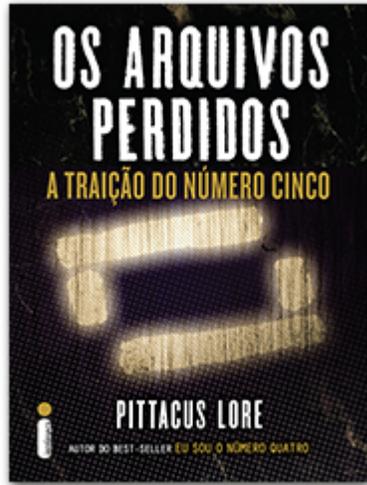
*Os arquivos perdidos:
Os esquecidos*



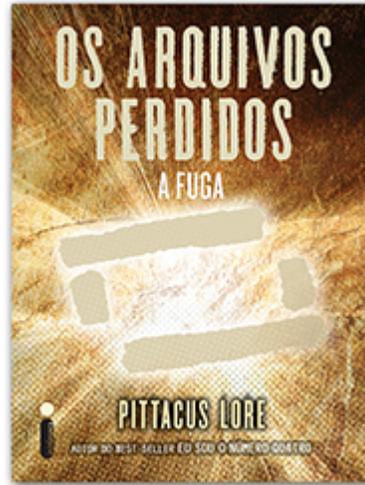
*Os arquivos perdidos:
Os Legados do Número Cinco*



*Os arquivos perdidos:
De volta a Paradise*

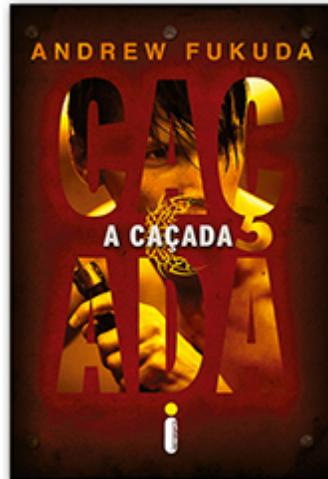


*Os arquivos perdidos:
A traição do Número Cinco*

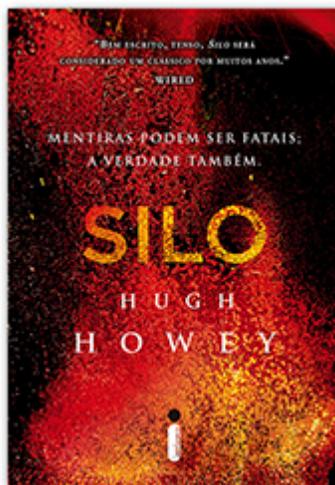


*Os arquivos perdidos:
A fuga*

LEIA TAMBÉM



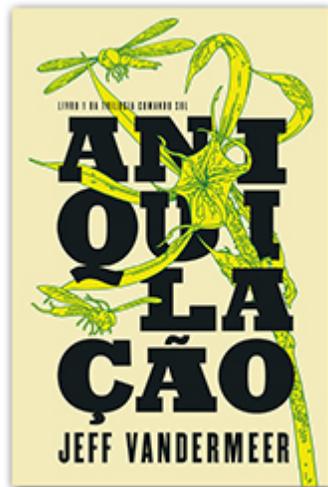
A caçada
Andrew Fukuda



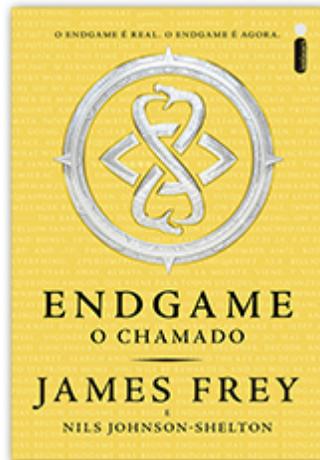
Silo
Hugh Howey



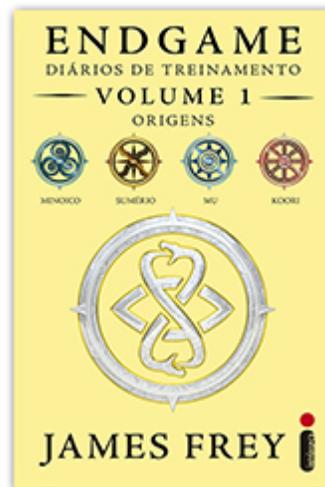
Half Bad
Sally Green



Aniquilação
Jeff Vandermeer



Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Descendência
James Frey



Endgame: Diários de Treinamento
Volume 3 – Existência
James Frey